

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MIQUEIAS FERREIRA ZUZA

**O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL EM TEFÉ E SUA
INTERFERÊNCIA NO AGIR POLÍTICO E MORAL DE SEUS MEMBROS (2015 –
2017)**

TEFÉ-AM

2017

MIQUÉIAS FERREIRA ZUZA

**O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL EM TEFÉ E SUA
INTERFERÊNCIA NO AGIR POLÍTICO E MORAL DE SEUS MEMBROS**

Monografia orientada pelo prof. Me. Macário Lopes de Carvalho Júnior, apresentada a Comissão Avaliadora do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST da Universidade do Estado do Amazonas – UEA como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em História.

TEFÉ-AM

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

ZUZA, Miquéias Ferreira. **O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL EM TEFÉ E SUA INTERFERÊNCIA NO AGIR POLÍTICO E MORAL DE SEUS MEMBROS (2015 – 2017)**. Trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em História.

Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST).

Orientador: Prof. Macário Lopes De Carvalho Júnior

P.54

Palavras chaves: Protestantismos no Brasil; pentecostalismo; Neopentecostalismo; Igreja Universal; política; moral; Tefé.

TERMO DE APROVAÇÃO
MIQUÉAIS FERREIRA ZUZA

**O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL EM TEFÉ E SUA
INTERFERÊNCIA NO AGIR POLÍTICO E MORAL DE SEUS MEMBROS**

Esta Monografia foi julgada para obtenção do título de licenciado em História, e aprovada em sua forma final pelo curso de História.

Banca Examinadora

Prof. Me. Macário Lopes De Carvalhos Júnior

Prof.Dr. Cristiane da Silveira

Prof. Me. Tiago Santos Fonseca

Tefé, 07 de Dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Finalmente chegamos ao capítulo último desta graduação em história, foram anos, certamente, de aprendizados, alegrias e afins. Tal conquista, provavelmente seria mais dificultosa sem o apoio daqueles que nos cercam. Aos quais passo a agradecer.

Sou grato pelos meus amigos e colegas de faculdades:

Tayze: Minha amiga que se transformou em irmã, você foi muito importante nesta etapa de minha vida. Desde já a saudade se faz presente. Seus conselhos e conversar foram ótimos. Adoro seus filhos, o Arthur é uma figura e Eliza é fofa demais.

Heidra: Primeira pessoa a conversar comigo na universidade, sinto sua falta.

Fransoar: Igual à Tayze, você se tornou um irmão que dividiu comigo alegrias e tristezas mas também o pão. Aquela grana e conselho no momento certo me fizeram ser uma pessoa melhor.

Raimundo: Um exemplo de superação sou muito feliz por sua amizade.

Fabiola: Muitíssimo obrigado pelas contribuições acadêmicas, sem você este trabalho não teria obtido a nota que teve.

Hudson: O amigo nerd, fã de anime e rock. Quando crescer quero ser assim.

Gabriele. Minha amiga da pedagogia, sua doçura me faz bem todos os dias, se eu pudesse, iria morar com você só pra te ver sorrir.

Ana Cristina: Minha amiga católica, obrigado pelas tentativas de me levar para a igreja, não deu certo, mas tudo bem. Admiro muito sua fé.

Josy: Minha amiga ogra, eu entendo que você gosta de arrotar, mas evite isso em público. Te gosto mesmo assim.

Ivanilde: Baixinha! Cadê? Você? Sinto tanto sua falta. Seus cabelos são os melhores e mais cheirosos que já vi.

Erijane: Amiga distante, lá de Tapauá, sabe o quando sou feliz por tê-la no meu círculo de amizade e pela gratidão de sua existência.

Ezio: O colega da policia, valeu pelos dias de bebidas, pelos whiskies pagos e cervejas também. Obrigado ainda por emprestar um item essencial para um estudante de humanas, o colchão.

Bruna: Você é um bela surpresa lá no 4º me deu uma ajuda que nunca esquecerei. Sou muito grato por isso.

Agradeço também aos professores que foram extremamente importante em minha formação, Macário, que, gentilmente, aceitou orientar o presente trabalho. A Cristiane pelas dicas úteis durante o período de estágio. O Tenner, por ter me mantido no PIBID, bolsa que foi de grande importância. Enfim, ao longo de minha carreira como docente buscarei me inspirar em cada um de vocês.

Agradeço a Legião Urbana, os versos de Renato Russo, Dado e Bonfá, me fazem, acredito, uma pessoa melhor e mais alegre.

E por último, dedico estas linhas para agradecer a minha família, que, apesar da distância física, sempre se mostrou disposta a me auxiliar emocional e financeiramente para que eu pudesse seguir com meus estudos. Eu amo vocês: **Francisca Creuza, Francisco Zuza Filho, Suely Zuza, Orly Zuza, Abraão Zuza e Vovó Raimunda.** E em memória: **Vô Chico Zuza e Vô Anorio Medida.** Vocês são, com todo o respeito as demais, a melhor família do mundo. Sem suas ajudas esse sonho não terá se realizado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	14
1. HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL E O CRESCIMENTO NEOPENTECOSTAL	14
1.2 PROTESTANTISMOS DE IMIGRAÇÃO	14
1.3 PROTESTANTISMOS DE MISSÃO	16
1.4 PENTECOSTALISMO	20
1.4.1 Neopentecostalismo	23
CAPÍTULO II	28
2. O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL E SUA INTERFERÊNCIA NO AGIR POLÍTICO E MORAL DE SEUS MEMBROS	28
2.1 IGREJA UNIVERSAL – BREVE HISTÓRICO	28
2.2. POLÍTICA, CONCEITO DE CULTURA POLÍTICA ,POLÍTICA E RELIGIÃO E MORAL	30
2.2.1 O Que é Política?	30
2.2.2 Cultura Política e Suas Características	32
2.2.3 Moral e Política	34
2.2.4 Político e Religião: Uma “união” Cada Vez Maior	35
2.3 O APRENDIZADO POLÍTICO NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS.	37
2.4 O COMPORTAMENTO POLÍTICO E SUA LIGAÇÃO COM O SENTIMENTO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL.....	39
2.5 A IGREJA UNIVERSAL – COMPORTAMENTO POLÍTICO E MORAL: INSTITUIÇÃO E FIÉIS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS:	50
FONTES:	53
APÊNDICE:	53

RESUMO

A presente pesquisa tem como foco o Neopentecostalismo da Igreja Universal em Tefé e sua interferência no agir político e moral de seus membros (2015 – 2017). Pretendemos apresentar uma análise, com base em fontes orais e um referencial bibliográfico, das ideias defendidas pelas lideranças locais da Igreja Universal, e como tais ideias ecoam sobre os membros da IURD. Ou seja, como os fiéis da Universal se apropriam dessas ideias defendidas pela IURD.

Palavras Chaves: Neopentecostalismo, Igreja Universal, política e moral.

LISTA DE SIGLAS

E.U. A – Estados Unidos Da América

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

IURD – Igreja Universal Do Reino De Deus

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

INTRODUÇÃO

No decorrer do curso através dos estudos das disciplinas e da observação do costume religioso em Tefé, surgiu o interesse pelo estudo das religiões, em especial, das ligadas ao protestantismo brasileiro. Neste sentido, optei por abordar o Neopentecostalismo, um movimento religioso historicamente recente, mas com um elevado crescimento. Tal crescimento foi de grande importância na hora de decidir pelo tema. Basta uma rápida volta pela cidade de Tefé e logo observaremos uma vasta quantidade de igrejas ligadas ao pentecostalismo. Outro fator, que foi crucial na hora de optar pelo tema foi a constante participação dos líderes dessas igrejas em atividades que iam além do campo religioso, como o caso de suas participações na política partidária.

Surgido nos Estados Unidos da América, o pentecostalismo, de certo modo, veio dar uma nova roupagem ao ser fiel do protestantismo. Tal movimento chega ao Brasil no século XX, em São Paulo e Belém, e logo se espalha por todo território.

O pentecostalismo é bastante extenso, dividido por especialista, como Mariano (2005) em “ondas” Temos a primeira onda, denominada de clássica ou simplesmente primeira onda, temos os Neoclássicos, também chamada de segunda onda. E por último, o foco de nosso estudo, conhecido como Neopentecostalismo ou terceira onda.

Antes de prosseguirmos, é interessante esclarecer que, a tipologia “ondas”, especialmente “terceira onda” vem sendo colocado em questão, uma vez que o professor Donizéte (1997), por exemplo, define as igrejas que Mariano classifica como neopentecostal, de pós-pentecostalismo. Logo, tal tipologia de Mariano, apesar de muito utilizada, não é unânime entre os pesquisadores das religiões. Isso será explicitado nos próximos tópicos.

Escolhido o tema, chegamos ao momento de sua delimitação, neste sentido, optei por estudar mais de perto a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e seus membros.

A IURD, como é conhecida, de acordo com Mariano (2005) surge por volta da década de 70, na cidade do Rio de Janeiro. Suas instalações iniciais são em uma antiga funerária e seu “berço” está na Igreja Nova Vida, de onde saíram alguns membros que iniciaram o processo de formação da Igreja Universal. Desde então, essa igreja situa-se entre as maiores denominações protestantes, conseguindo assim, expandir suas ideias para além do campo religioso. Aumentando ainda mais a quantidade de fiéis.

O objetivo de nosso trabalho é traçar um paralelo entre aquilo que é defendido por líderes da IURD e comparar com as falas de seus membros. Para isso, vamos recorrer à história oral de modo a dar vozes para aqueles que, afinal, são os grandes responsáveis pela ascensão da Igreja Universal do Reino de Deus, os Fiéis.

Nossa análise encontra justificativa no âmbito social e também acadêmico. No meio público, as pessoas terão a oportunidade de conhecer melhor um pequeno histórico do protestantismo brasileiro, este que de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2010, cresceu em 10 anos 61% e está próximo a se tornar a religião predominante no Brasil. Pelo âmbito acadêmico, sua importância está em auxiliar na compreensão da força desse movimento perante assuntos de interesse geral, como aborto, política, mídia e direitos humanos.

Para a realização deste trabalho utilizamos um conjunto de metodologias, as quais passo a apresentar nos próximos parágrafos. Para isso, nos baseamos em uma série de autores.

De acordo com Verena Alberti (2000) a dita história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para estudo da história contemporânea surgida no século XX.

Por outro lado MATOS e SENNA acrescentam que “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois, o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas escritos”. (MATTOS e SENNA, 2011, p. 95). Logo, com uso da história oral, pode-se chegar a novos atores sociais, aqueles que por vezes, são esquecidos em fontes escritas.

Ainda segundo as autoras: “Em relação a outras áreas do saber histórico, a história oral possui maior proximidade com o presente, uma vez que depende da memória “viva” e de relatos já efetuados anteriormente”. (MATTOS E SENNA, 2011, p. 98).

Para Porteolli (2016) a história oral é uma tentativa de reconectar dois pontos de vista: o ponto de vista de baixo que consiste no nativo e local e o ponto de vista científico, visto de cima. Sendo assim, o mesmo autor acredita que a história oral ajuda a unir tais pontos de vista e criar um diálogo igualitário entre duas consciências: uma consciência é aquela o historiador possui dos padrões espaciais e temporais mais amplos e a outra, da narrativa pessoal.

Para Joutard (2000) “a força da história oral, todos sabem, é dar voz aqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, “os derrotados”” (JOUTARD, 2000, p.32).

Enfim, o uso da fonte oral é cada vez mais aceito dentro do mundo acadêmico. Através dessa metodologia, podem-se resgatar vozes que por muitos anos foram colocados à margem da escrita da história.

Nosso trabalho exigiu ainda que trabalhássemos com pesquisa qualitativa. Para TRIVIÑOS APUD LARA e MOLINA:

A pesquisa qualitativa também como “estudo de campo”, “estudo qualitativo”, “interacionista simbólica”, “perspectiva interna”, “interpretativa” “etnomenologia”, “ecológica”, “descritiva”, “observação participante” “entrevista qualitativa”, “abordagem de estudo de caso”, “pesquisa participante”, “pesquisa fenomenológica”, “pesquisa-ação”, “pesquisa naturalista”, “entrevista em profundidade”, e outras [...] (LARA E MOLINA, 2011, p. 04).

Tal método de pesquisa torna-se interessante, pois, o mesmo nos possibilitou uma análise mais organizada a respeito das falas dos entrevistados. Para isso, nos baseamos ainda em Minayo: “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. [...] ela trabalha com o universo de significados.” (MINAYO, 2002, p.21). Ainda segundo Minayo (2002) a pesquisa qualitativa trabalha com motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. “O que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Idem, 2002, p.22).

Neste sentido, o uso de entrevista é fundamental, uma vez que, ao se buscar compreender até que ponto as ideias defendidas pelos líderes da IURD interferem no agir político e moral de seus membros, é apenas ouvindo essas pessoas, que podemos chegar a alguma compreensão. Para Oliveira, “o uso da entrevista como método de coleta de dados na pesquisa qualitativa se referem principalmente à exploração dos pontos de vista dos atores sociais” (Oliveira, 2012, p.02). Nesta mesma perspectiva, Idem (2012) defende que esse método é essencial ao conhecimento e compreensão da realidade social dos atores envolvidos, nesse caso, fiéis da IURD.

Ainda sobre entrevista como método de pesquisa (ARNOLDI ABUD apud BRITO) nos diz que: “a entrevista como técnica de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático do conhecimento” [...] (BRITO, 2011.p 239). Logo o uso de entrevista é de fundamental importância em nosso trabalho.

Enfim, com a metodologia definida, partimos para os capítulos. Dividimos em dois, sendo eles: *História do protestantismo no Brasil e Crescimento neopentecostal.*

Neste capítulo buscamos apresentar, com base em diferentes autores, o surgimento e o crescimento do protestantismo em solo brasileiro.

Neste tópico usarei algumas obras, em especial, A obra de Mendonça (1990), *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, esse livro, foi de suma importância, pois, foi através dele que pudemos compreender um breve histórico das religiões protestantes no país. Outra obra de grande importância é a de Ricardo Mariano: *Os Neopentecostais: A Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, tal obra é fundamental pra compreendermos como se desenvolveu esse movimento em território Brasileiro.

O segundo capítulo intitulado de: *O Neopentecostalismo da Igreja universal em Tefé e sua interferência no agir político e moral de seus membros (2015 – 2017)*. No referido capítulo, vamos apresentar os resultados de nossas análises bibliográficas e de fontes orais.

Neste capítulo, por sua vez, assim como o primeiro, a obra de Mariano (2005) será de grande ajuda para apresentar o histórico da igreja Universal. Assim como o texto de Arenari e Torres: *Intersubjetividade, Socialização Religiosa e Aprendizado Político. Uma interpretação sociológica do Pentecostalismo no Brasil*, a mesma é fundamental para compreendermos um pouco sobre a política nas igrejas ligadas ao pentecostalismo brasileiro,

Com base nesses estudos, vamos apresentar um breve histórico da Igreja Universal, também trabalharemos três tópicos, em que será discutido o aprendizado político nas Igrejas Neopentecostais e o comportamento político dos fieis da IURD, e sua ligação com o sentimento religioso. Por último, o tópico onde vamos apresentar de maneira individual, 05 membros da IURD e, em sequência, analisaremos suas falas.

CAPÍTULO I

1. HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL E O CRESCIMENTO NEOPENTECOSTAL

Neste capítulo, vamos discutir de maneira breve, o surgimento do Protestantismo no Brasil. De acordo com Mendonça (1990) este protestantismo, é dividido em três partes distintas: Protestantismo de Missão, Protestantismo de Imigração e por fim Pentecostalismo.

O protestantismo de imigração, segundo Mendonça (1990) se insere no país a partir do de 1810. Graças a permissão concedida aos Ingleses para realizarem seus cultos religiosos. O Protestantismo de Missão, por sua vez, de acordo com o mesmo autor, começa a crescer na virada do século XIX com a expansão colonial no mundo anglo-saxão. Já o Pentecostalismo, segundo Mariano (2005) sua expansão não é recente nem episódica, seu avanço ocorre desde o início do século XX. Ainda de acordo com Mariano (2005) seu avanço não é expressivo apenas no plano religioso, mas também nos campos midiático, políticos partidários e etc.

Portanto, tendo em vista essas discussões sobre o protestantismo, nós tópicos que seguem iremos apresentar uma breve história do movimento no Brasil.

1.2 PROTESTANTISMOS DE IMIGRAÇÃO

Neste tópico será trabalhado aquele que se tornaria o primeiro rastro de protestantismo em território que hoje se compreende como Brasil. Observaremos de modo breve, a importância da imigração e da perda de poder da Igreja Católica na ascensão do protestantismo de imigração.

Mendonça (1990) nos diz que representantes deste movimento se inserem no Brasil em um primeiro momento como sendo fruto de imigrações europeias ocorridas no século XIX. Esta ideia corrobora com Vianna:

A categoria chamada de protestantismo de imigração corresponde à presença de igrejas organizadas por acatólicos e protestantes existentes no Brasil desde o século XIX. Ao se referir a esta categoria faz-se referência a presença dos imigrantes ingleses anglicanos, chegados ao Brasil a partir da abertura dos portos em 1880, às comunidades religiosas formadas por meio da chegada massiva de imigrantes que organizavam suas comunidades. (VIANNA, 2016, p. 525)

No sentido de inserção do protestantismo de missão, encontramos a presença da Igreja Católica, que desde o chamado “Descobrimento” do Brasil, esteve presente e em certa medida, acabou por reprimir outras manifestações religiosas. Por exemplo, religiões de matrizes africanas e indígenas, passaram por esse processo de repressão de sua fé. No entanto, tal Igreja perderia um pouco de seu monopólio e abria assim caminhos para a instalação do protestantismo.

O contexto em que se desenvolve o protestantismo de imigração no Brasil diz respeito à estagnação da Igreja Católica e conseqüentemente sua perda de força neste território. Essa perda de monopólio se dá, segundo Mendonça (1990), pela política iluminista de Marques de Pombal e, no período Imperial, pela política do padroado. Outro fator que impulsionou a chegada de imigrantes de origem protestantes foi à abertura dos portos as ditas “nações amigas”, principalmente a Inglaterra. Comentando a esse respeito o mesmo autor nos diz que:

A debilidade da presença da Igreja Católica no Brasil, representante da cristandade latina, correspondeu praticamente à queda final das potências latino-católicas europeias [...] É nesse quadro que se dá a gradativa inserção do protestantismo a partir de 1810, quando ingleses, principalmente, tiveram permissão para entrar e realizar seus cultos, embora de maneira restrita. (MENDONÇA, 1990, p.27).

O protestantismo de imigração encontra aqui um cenário favorável ao seu crescimento, uma vez que a Igreja Católica, detentora até então do monopólio da fé institucional, perde força e as instituições protestantes ganharam seu espaço.

No ponto de vista institucional, Mendonça (1990) afirma que a partir da formação de comunidades permanentes são os imigrantes alemães que podem considerar-se os pioneiros da implantação do protestantismo no território brasileiro. Esse pioneirismo possui como marco inicial a formação da Comunidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, fundada em 1824, pelo pastor Friedrich O. Sauerbronn, com 334 imigrantes evangélicos alemães.

De acordo com Mendonça (1990) os imigrantes alemães foram se localizando de forma progressiva em vários cantos do país. Estavam presente no interior das províncias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo e região sul de Minas Gerais.

Esses imigrantes, afirma Mendonça (1990) com o tempo, acabaram se unindo e formando, em 1949 uma Federação de Sínodos. Chamada de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A esse respeito o mesmo autor nos diz que:

A IECLB como toda a comunidade luterana no Brasil, tem sido considerada Igreja de etnia – Igreja de Alemães e seus descendentes. E realmente foi assim durante a maior parte de sua existência. Em 1934, quando foi fundada a Confederação Evangélica do Brasil, as Igrejas de origem missionária norte-americana não convidaram a IECLB por considerá-la Igreja estrangeira. (MENDONÇA, 1990, p. 28).

A respeito do conceito de Igreja de etnia, Mendonça (1990) argumenta que, cada vez mais, a IECLB vem se destacando em desempenhar papel junto à sociedade brasileira de modo a combater problemas sociais. Estes avanços dão a base entre outras formas, do ecumenismo. O ato ecumênico de acordo com Mendonça (1990) é coisa comum dentro das igrejas desse protestantismo.

Igrejas representantes do protestantismo de imigração possuem características em comum. Normalmente as mesmas estão voltadas sua fidelidade para com a reforma Luterana, assim como abertura ecumênica, onde se desenvolvem trabalhos voltados ao meio social.

Enfim, o protestantismo de imigração não chega ao território brasileiro com o fim de evangelizar e atrair novos membros para suas igrejas, logo, sua penetração junto à população foi tímida. A tarefa de evangelização, nesse sentido, coube às igrejas do Protestantismo de Missão.

1.3 PROTESTANTISMOS DE MISSÃO

Passado o período denominado por Mendonça (1990) de protestantismo de imigração, observaremos agora o desenrolar histórico das denominações pertencentes ao protestantismo de missão. Aqui vamos apresentar de forma breve o contexto que permitiu a expansão desse protestantismo no país e, também, as características de suas igrejas, suas rejeições ao ecumenismo e sua atuação no campo educacional.

De acordo com Cavalcanti (2001) para que se compreenda o sucesso das missões protestantes, é interessante estabelecer o contexto histórico de suas chegadas:

Existem pelo menos três fatores críticos que contribuem para esse contexto. Primeiro são as condições existentes durante o reinado de D. Pedro II; segundo é relação entre a Igreja Católica e o Estado durante o mesmo

período; e terceiro é o surto migratório que traz da Europa e dos Estados Unidos mão de obra qualificada. (CAVALCANTI, 2001, p.61)

Neste sentido, o mesmo autor nos apresenta uma breve análise de cada contexto apresentado na citação anterior.

Segundo Cavalcanti (2001), no reinado de D. Pedro II, o país contava com um contexto social aberto a inovações da época. O Brasil possuía um grande número de centros urbanos e também contava com um sistema de comunicações que garantiria aos missionários um contato mais próximo com suas igrejas de origem e uma maior integração dos pontos missionários presentes no país. Assim sendo, Cavalcanti salienta que: “É nesse contexto social que a fé trazida pelos protestantes vai encontrar solo fértil em meio a um pequeno segmento da população brasileira”. (CAVALCANTI, 2001, p.69). Aliado isso, temos ainda o papel do Estado.

No que diz respeito à relação entre o Estado e a Igreja Católica, o mesmo autor defende que:

Criar espaço para fé protestante num país profundamente católico é uma tarefa desalentadora. Quando os primeiros missionários protestantes chegam ao Brasil o Catolicismo já celebrava mais de 300 anos em terras brasileiras. (CAVALCANTI, 2001, p. 70)

No entanto, afirma Cavalcanti (2001) o Padroado acabou por enfraquecer o poder da Igreja Católica durante a maior parte do século XIX. “Controlada pelo governo, a Igreja se vê incapaz de manter até mesmo as suas funções básicas, como a formação e sustentação de um corpo de clérigos competentes [...]” (CAVALCANTI, 2001, p.70). Neste contexto, o autor diz que, quando os missionários chegaram na metade do século, a Igreja Católica já se encontrava bastante enfraquecida. De acordo com Cavalcanti (2001) os protestantes se aproveitam da fraqueza da Igreja Católica para expandir sua fé.

No que concerne à questão da imigração, Cavalcanti (2001) e Mendonça (1990) afirmam que são os imigrantes, principalmente norte-americanos, que contribuem para a implantação das missões protestantes no país. Neste sentido Cavalcanti nos diz:

O recrutamento de imigrante começa por volta de 1820, mas atinge seu apogeu na segunda metade do século [...] Uma boa parte desses imigrantes é europeia e católica, mas um número pequeno são oriundos dos Estados Unidos e são protestantes. (CAVALCANTI, 2001, p.72)

Segundo Mendonça (1990) os protestantes são representados especialmente pelas igrejas norte-americanas. Carregados com um “desejo” de transmitir seus dogmas para os países vizinhos do sul, desembarcaram aqui no século XIX número significativo de

missionários dos (EUA) que viriam a representar igrejas como: Presbiterianas, Metodistas, Batistas, etc.

Havia segundo Mendonça (1990) no século XIX uma mentalidade protestante norte-americana estabelecida, um ideal salvacionista e estes se consideravam os “escolhidos” a levar o cristianismo aos povos da América do Sul. Carvalho (2013) colabora com essa ideia:

O fundamentalismo protestante foi um movimento que ganhou forma, principalmente entre as igrejas presbiterianas e batistas do sul dos Estados Unidos, a partir do século XIX [...] os fundamentalistas se consideravam os guardiões dos valores e bons costumes da sociedade [...] (CARVALHO, 2013, p.45).

De acordo com Mendonça (1990) o campo parecia fértil, pois, de um lado temos o povo “escolhido” leia-se aqui os norte-americanos, e do outro temos os “perdidos”, estes representados pela Ásia, África e América do Sul. Nesse sentido, existiam várias teologias e se fazia necessário que uma delas tomasse a dianteira do processo, uma vez que, segundo Mendonça (1990) concepções teológicas diferentes faziam-se presentes entre os missionários americanos. A teologia que melhor se desenvolve, e assim marca também o protestantismo de missão no Brasil, ficará conhecida como Conversionista. Essa vertente, por sua vez, consistia em uma conversão individual, onde o indivíduo rompia com seu meio cultural através da adoção de novos padrões de conduta estabelecidos pela sua nova Igreja.

Apesar disso tudo, não foi um missionário norte-americano que vem a fundar a primeira igreja protestante missionária no Brasil. Essa tarefa é exercida segundo Mendonça (1990) pelo escocês Robert Reid Kalley, quando o mesmo funda a Igreja Congregacional do Brasil. Embora não sendo de origem Presbiteriana ou Batista, essa primeira igreja do país confirma o argumento de Carvalho (2013) quando este faz abordagens sobre o fundamentalismo presente nas instituições protestantes americanas no século XIX, já citadas anteriormente. Uma vez que a Igreja Congregacional declarava-se segundo Mendonça (1990) doutrinariamente fundamentalista. Assim como as demais igrejas deste movimento, sua atração por símbolo é praticamente nula e também adversa ao ecumenismo.

Outras instituições ajudam a formar esse vasto cenário de igrejas pertencentes ao movimento protestante de origem missionária. Tais como, Presbiterianos, Metodistas e Batistas.

Os Presbiterianos surgem no Brasil, segundo Mendonça (1990) com a chegada do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton em 1859, quando este fundou no Rio de Janeiro em 1862 a primeira igreja. Presbiterianos, por sua vez, em virtude de diversos cismas¹, já em território brasileiro, se dividem em diversas igrejas diferentes.

Haja vista as divisões, temos a Igreja Presbiteriana do Brasil, que por sua vez dedica-se a educação e fundaram escolas e também universidades. Do outro lado, temos aquelas igrejas que segundo Mendonça (1990), dedicaram seus esforços ao crescimento numérico de seus membros. Em relação a estes, os fiéis são formados em sua maioria pela classe média, embora sua inserção tenha ocorrido na camada pobre da população.

Aqueles que por sua vez, denominam-se Metodistas, se estabelecem segundo Mendonça (1990) no Brasil em 1886, pelo missionário Junius E. Newman, John J. Ranson, J. W. Koger e James L. Kennedy. Possuem abertura ecumênica, e está voltada a educação da elite.

Temos ainda os Batistas, estes que por sua vez não se consideram frutos da reforma protestante. Embora, como afirma Mendonça (1990) tenham assumido os pressupostos teológicos da reforma. Seu surgimento histórico é de 1881, quando os missionários William Bagby e Zacarias Taylor desembarcam no Brasil e fundam em 1882, a primeira igreja de ramo na Bahia. Seu crescimento inicial foi lento, alcançando, destaque apenas com o advento da liberdade religiosa republicana junto ao crescimento das cidades. E não possuem interesse ecumênico, ou qualquer cooperação com as demais igrejas.

Portanto, as igrejas pertencentes ao protestantismo de missão, possuem dentro de si, características comuns, tal como a inclinação para área da educação. Neste sentido, Cardoso argumenta que: “Uma primeira hipótese que levantamos é de que a característica geral das missões protestantes quer por seu aspecto evangelizador, quer educacional, lhe confere alguns traços de um processo civilizador” (CARDOSO, 2003, p.02). Também não nos parecem próximas ao ecumenismo, tampouco simbolismo dentro de seu templo. Seu crescimento e presença em espaços públicos logo seriam superados pelo pentecostalismo e suas vertentes.

O Pentecostalismo, de acordo Rocha (2013) na década de 1910 quando chegou a terras brasileiras apresentou certa uniformidade doutrinária. Ainda segundo este autor:

¹ Signates (2013) trabalha com esse conceito e nos que, o cisma se configura como um rompimento dos dogmas de uma determinada religião. Esse evento ocorre quando um grupo de pessoas não se sente mais identificada com uma prática dentro da denominação.

Passadas tanta décadas e, particularmente, a partir de 1970, esse quadro começou a se alterar e, na década de 1980 já se tornava ponto pacífico entre os analistas da religiosidade brasileira a presença de outros pentecostalismos. (ROCHA, 2013, p.211)

Assim, passamos a analisar os pentecostalismos, suas vertentes e suas características no próximo tópico.

1.4 PENTECOSTALISMO

No presente tópico será discutido o movimento protestante que segundo Mariano (2005) conquistou um maior alcance junto à sociedade brasileira, conhecido como Pentecostalismo. Também discutiremos, brevemente, como ele é caracterizado pelos que estudam este movimento, sua inserção na sociedade através de mídias e suas principais características.

Antes de entrarmos, de fato, no breve histórico do pentecostalismo no Brasil, é importante destacar que, a categorização proposta por Mariano (2005) “Ondas” e “neopentecostal” não é unânime entre os pesquisadores do pentecostalismo. Neste sentido, o Professor Donizéti defende que:

Se Mariano foi feliz ao classificar a segunda onda como “pentecostalismo neoclássico”, o mesmo não acontece em relação à terceira onda, pois ele aceita acriticamente o termo “neopentecostal”. [...] A inadequação do termo fica quando o próprio Mariano reconhece que, “enquanto as duas primeiras ondas não apresentam diferenças teológicas significativas entre si, verifica-se justamente o oposto quando se compara o neopentecostalismo às vertentes pentecostais que o precedem”. Ora, se o neoclássico é “neo” por não diferir significam ente do clássico, por que neopentecostalismo se ele difere sobremaneira do pentecostalismo que o precedeu?(DONIZÉTI, 1997, p.51)

Com isso em mente, é importante esclarecer que a proposta apresentada por Mariano em 1995, é logicamente, mais antiga que a apresentada por Donizéte em 1997 e são duas ideias aceitas, mas que são provisórias, ou seja, existem outros autores que já estão trabalhando em novas concepções para classificar o pentecostalismo brasileiro. Logo, os trabalhos de Mariano e Donizéte, são de certo modo reflexos do crescimento dos estudos das religiões protestantes.

Optamos por trabalhar com classificação proposta por Mariano, mas tendo em mente as diversas propostas de categorização apresentadas por outros autores, como é caso de Donizéte. Passaremos agora a apresentar, de forma condensada, o histórico do pentecostalismo brasileiro.

Ferrari (2007), afirma que a sociedade moderna guiou-se pelo saber especulativo, embasando o viver humano pelo mito do progresso e da evolução. Tal prática, segundo este autor buscava substituir a religião na vida das pessoas. Com o advento da modernidade nossa sociedade tornou-se mais racionalizada, ou seja, todas as suas práticas passaram a ser redigidas por critérios seculares e não mais religiosos. A religião, dentro dessa perspectiva seria condenada a um espaço reduzido na sociedade.

Porém, de acordo com Ferrari (2007) o que se assistiu foi o inverso, pois, as instituições modernas que de certa forma procuram suprir a religião na vida das pessoas, não conseguiram realizar este papel por completo. A ciência não encontrou respostas para todas as perguntas, não encontrou curas para doenças e também se viu um declínio das utopias modernas que prometiam levar o mundo a um patamar de igualdade.

O Pentecostalismo surge assim num contexto marcado por transformações trazidas pela tal modernidade científica e industrial. Existindo ainda um marco de crises sociais, políticas, econômicas e culturais. E o campo religioso não fica distante de sofrer conflitos, o cristianismo já havia sentido sua fragmentação com a reforma protestante na Alemanha. E agora vindo dos Estados Unidos, O Pentecostalismo causa o aparecimento uma nova vertente dentro da religião cristã.

Carvalho (2013) relata que o fundamentalismo argumentava que a fé cristã era racional, de modo que não contrariava a lógica da razão. No entanto, surge nos Estados Unidos no século XX, o Pentecostalismo, este por sua vez não estava preocupado com dogmas ou doutrinas racionais.

Assim sendo, o pentecostalismo rompe e cria-se uma nova maneira de ser membro de uma igreja protestante. Esse novo protestantismo, tem suas origens, segundo Mendonça (1990) no movimento de “santidade”. Este movimento de santidade no que lhe concerne, defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o batismo do espírito santo. Característica comum em qualquer igreja pentecostal, chamado de glossolalia. Esse movimento logo chegaria a solo brasileiro.

Segundo Mariano (2005), o Pentecostalismo chega ao Brasil e se estabelece em 1910, com as Igrejas Congregação Cristã e Assembleia de Deus, essa última surgida em 1911. Autores desta área, no caso, Mariano (2005) para melhor compreensão deste movimento, o dividem em “Ondas”. As duas últimas igrejas mencionadas anteriormente situam-se na primeira onda, também conhecidas como clássicas.

A segunda onda deste movimento surge de acordo com Mariano (2005), a partir dos anos 50 e 60. Entre suas principais denominações, consta à Igreja Evangelho

Quadrangular e a igreja Deus é Amor. Classificadas por este autor, de Neoclássicas. Mendonça (1990) diverge desta classificação, ele afirma que a igreja Deus é Amor situa-se naquilo que denominou de “cura divina”. “Essa por sua vez não se caracterizaria como igreja, pois “a cura divina como tal, isto é, como objetivo único de um grupo ou de líder carismático não constitui igreja, mas “movimento”” (MENDONÇA, 1990, p.54)”.

Os neoclássicos, por sua vez, de acordo com Mariano (2005), conseguiram difundir-se no meio pentecostal ao utilizarem as mídias eletrônicas, como rádio e a televisão, assim como mídias impressas, jornais e folhetos, para propagarem suas mensagens religiosas. É exemplo disso, principalmente a Igreja do Evangelho Quadrangular. Utilizavam-se justamente dos meios que as chamadas pentecostais clássicas se recusavam a usar, por considerarem práticas que não condiziam com o comportamento dos fiéis.

Além do recorte temporal que separam essas duas primeiras vertentes do pentecostalismo brasileiro, algumas características específicas fazem com uma se diferencie da outra. Ricardo Mariano (2005) destaca pontos que as distinguem da seguinte forma. Primeiramente as clássicas, Assembleia de Deus e Cristã do Brasil:

[...] No início, compostas majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade (...) ambas caracterizam-se por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo (...) (MARIANO, 2005, p. 29).

Um ponto de destaque é que ao longo do tempo ambas as igrejas de primeira onda, mantiveram algumas de suas posturas sectárias², em especial a igreja Cristã do Brasil que permanece até hoje sem fazer uso da mídia para transmitir suas ideias religiosas, ao contrário da Assembleia de Deus que já faz uso desse recurso.

A Igreja Cristã do Brasil, segundo Mariano (2005), é considerada uma igreja brasileira, uma vez que foi fundada neste território por um estrangeiro que não era missionário, tampouco financiado por uma instituição do exterior. É uma igreja de cultura oral, não recomenda leitura de nenhum outro texto religioso que não seja a bíblia. A maioria de seus membros pertence à classe mais pobre da sociedade.

Aquela considerada a maior igreja pentecostal denomina-se Assembleia de Deus. Essa por sua vez, foi fundada como já mencionada 1911, a mesma surge no Estado do

² Este termo esta de acordo com Mariano (2005) quando o mesmo se refere a ela para demonstrar intolerância, apegando aos costumes de sua religião.

Pará. Tal denominação se encaixa naquilo que Mariano (2005) chama de clássicas, no início composta majoritariamente por pessoas pobres e de poucas escolaridades e discriminados por Protestantes Históricos e perseguidos pela Igreja Católica.

Embora a primeira onda, busque manter-se como afirma Mariano (2005) irremovível em seu tradicionalismo, a Assembleia de Deus desde 1989 que está cindida em duas denominações, mostrou-se mais flexível e disposta a acompanhar certas mudanças que estão sendo processadas dentro do movimento.

Já as neoclássicas, como Deus é Amor e a Igreja do Evangélico Quadrangular, por exemplo, de acordo Mariano (2005) apresenta distinções da primeira onda no que diz respeito a inovações evangelísticas, como é caso do uso dos rádios, teatros e cinema para celebrar cultos. Ademais, as duas primeiras ondas não apresentam grandes distinções teológicas. Já a terceira onda, para Mariano (2005) apresenta, além de um recorte temporal distinto das demais igrejas pentecostais, também apresenta questões teológicas que a torna, de certo modo, diferente das primeiras ondas.

1.4.1 Neopentecostalismo

Neste subtópico, vamos apresentar de maneira breve o desenrolar da terceira onda do pentecostalismo, classificado aqui, com base em Mariano (2005), de Neopentecostalismo ou terceira onda. Iremos analisar fundamentado, no mesmo autor que analisa as ondas anteriores, suas características e o que distingue das demais “ondas” do pentecostalismo brasileiro.

O dito Pentecostalismo clássico, representado principalmente pela Assembleia de Deus, já representava uma abertura dentro do protestantismo. Mas, a partir dos anos 70 do século XX surge um novo movimento, este por sua vez denominado por Mariano (2005), como Neopentecostal.

O movimento Neopentecostal, como dito anteriormente, surge por volta dos anos de 1970, data fundação de sua maior representante, a Igreja Universal do Reino de Deus.

Esse movimento é representado com maior força, pela Igreja Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus. As duas surgem no Estado do Rio de Janeiro. Possuem como principais características, a exacerbação da guerra espiritual contra o diabo e seus aliados (na qual acusam outras religiões de serem diabólicas, entre elas a igreja católica e religiões de matrizes africanas e mediúnicas), forte ênfase na teologia

da prosperidade (ou seja, “dar” para “receber” bênção e agrados principalmente financeiros da divindade), liberalização dos usos e costumes de santidade (uma mudança no modo de se vestir e se comportar do crente pentecostal) e possuem “plateia flutuante”. Passaremos a seguir a detalhar melhor cada característica.

A questão da guerra espiritual contra o diabo é percebível em determinadas ações, como, por exemplo, a citada por MONTES (2012) quando comentado a esse respeito nos diz que:

Durante uma cerimônia religiosa desse florescente grupo neopentecostal, um gesto de um de seus bispos, Sérgio Von Helde, que desencadearia violentas reações. Durante a tradicional pregação evangélica, centrada no ataque aberto às crenças das demais religiões, opondo-lhes a ênfase quase exclusiva no poder do Cristo Salvador, o bispo se referia com horror aos descaminhos idolatra da fé católica em sua “adoração a sua imagem de barro [...]” (MONTES, 2012, p.8).

Segundo Mariano (2005) transformar os deuses das religiões adversárias em demônios constitui uma antiquíssima prática na história do cristianismo. E isso ocorre veementemente na vertente pentecostal. Mas, apenas em 1980 desencadeou-se o que veio ser chamada de “guerra santa”, representado principalmente pela IURD e seus fiéis, que se mostrou empenhada no ataque às demais religiões, em especial as de origem africanas.

Comentando a esse respeito Montes (2012) nos diz que esses episódios, como o citado anteriormente, evidenciava que uma transformação em curso no interior do protestantismo. Ocorreria segundo a mesma autora “uma mutação interna, indissociável das vicissitudes por que passavam, graças à sua influência, das próprias religiões afro-brasileiras” (idem, 2012, p.12). Enfim, é comum, ao frequentar cultos de igrejas ligadas a este movimento, percebermos sua ênfase em combater crenças religiosas que contrariam as suas.

Outro ponto importante quando se trata do Neopentecostalismo, diz respeito à relação estabelecida entre os membros desse movimento com as práticas do mundo secular. Isso só pode ser explicado se nos voltarmos para a Teologia da Prosperidade.

De acordo com Ferrari (2007) O Neopentecostalismo, com sua Teologia da prosperidade fez a reformulação da teodiceia e da visão de Deus. Ou seja, não mais o fiel precisaria passar por todos os sofrimentos mundanos, para posteriormente obter vida com abundância no reino “celeste”. Com essa nova teologia, ele pode obter tudo isso aqui e agora, mas claro, não abandonado por completo o desejo de adentrar aos

“céus”. Isso, segundo essa perspectiva apenas se tornou algo secundário na vida do convertido ao Neopentecostalismo.

A teologia da Prosperidade surge, segundo Mariano (2005), na década de 40 do século passado, nos E.U.A., Mas só encontrou formas a partir dos anos 70, com os evangélicos carismáticos.

Uma teologia agora voltada para os interesses materiais, onde a divindade é “coagida” a recompensar o fiel quando este cumpre com suas obrigações. Nessa perspectiva Ferrari nos diz que:

O individuo deve continuar colaborando e nunca duvidar. Assim, tem razões e direitos de ‘exigir de Deus’ a recompensa e o retorno do investimento. Em tudo, ser positivo no acreditar, como se já estivesse de posse da retribuição, embora ainda aguarde o agrado o comprimento divino. (FERRARI, 2007, p.139)

Existindo assim uma relação de troca onde o fiel contribui com uma determinada oferta, e Deus, por sua vez, torna-se responsável pela recompensa. Segundo Mariano (2005) os pregadores da teologia da prosperidade acreditam que o fiel a partir do momento que cumpre com seus deveres diante de Deus, ou seja, dar dízimos e ofertas, a divindade terá como obrigação garantir a recompensa do mesmo, e isso acaba, segundo o mesmo autor, colocando em cheque a superioridade da mesma divindade, tendo em vista que ele não teria alternativa a não ser liberar a “benção” ao fiel “bondoso”.

Junto a Teologia da Prosperidade, os fiéis neopentecostais se mostraram favoráveis ao rompimento de estereótipo na vestimenta e comportamento do fiel pentecostal. Afinal, se a prosperidade lhe garante o melhor, suas vestimentas não ficariam de fora.

De acordo com Mariano (2005) os pentecostais, por várias décadas mantiveram-se presos a um rígido estereótipo. Dessa forma, para reconhecê-los bastávamos vê-los para os identificarmos. No entanto, com o surgimento dos Neopentecostais, isso mudou. Comentando a esse respeito o autor citado anteriormente nos diz que:

Com as mudanças comportamentais promovidas pelos neopentecostais, ampliou-se ainda mais a diferenciação interna do pentecostalismo. Pois, a despeito da afirmação de Caio Fábio de que “o estereótipo do crente, de bíblia sobre o braço, de terno e gravada” nada mais teria a ver com a realidade atual, a realidade pentecostal ainda preserva muito desse estereótipo (MARIANO, 2005, p.189).

Este novo movimento pentecostal ajuda a mudar a maneira de se comportar do fiel. Não apenas na maneira de vestir-se, mas assim como sua relação com o mundo a sua volta muda. E não mais repudiam, tal como os pentecostais, o “mundanismo”.

Se as duas ondas anteriores concentram-se em algumas proibições no modo de se vestir e comportar dos seus fiéis, os Neopentecostais, de acordo com Mariano (2005) nem mesmo chegaram a adotar o figurino estereotipado de crente. Os mesmos, se vestem como querem, ouvem rádio, assistem TV, frequentam festas, etc. Com exceção dos pastores, sempre com gravatas, assim como os obreiros, todos uniformizados. Os fiéis vestem-se como querem. Os membros das igrejas neopentecostais, de acordo com Mariano (2005) diferente seus pares das primeiras ondas, não parecem manter de fato, uma fidelidade com suas igrejas. Sendo comum a troca constante de denominações por esses fiéis, chamada por Mariano (2005) de “plateias flutuantes”.

Membros frequentadores de igrejas dessa terceira onda tendem mudar de maneira constante de congregação. Não existindo assim uma vida em comunidade com os demais fiéis, tampouco uma fidelidade fixa com uma igreja.

Nesta perspectiva, Ferrari (2007) afirma que “na pós-modernidade tem-se uma nova compreensão do ser humano e do sagrado com suas religiões e instituições”. Tal compreensão pode ser vista no segmento neopentecostal, onde o fiel não possui mais obrigação de estar na igreja em determinado dia de culto, ou seja, não existe uma relação de “fidelidade”, sendo comum a troca de igrejas entre as pessoas deste movimento.

Nesse sentido, se observa uma mudança no ambiente de reunião das igrejas dessa “terceira onda”. Nota-se o templo religioso sendo utilizado como algo terapêutico, onde o cliente aflito e em busca de soluções rápidas para seus problemas acabam buscando ajuda nessas igrejas.

Neste clima de “terapia”, a igreja se tornou em primeiro plano, de acordo com Ferrari (2007), um lugar onde se transpira passividade, magia e a dimensão privada, individual do religioso. Deixando em segundo plano a convivência e a vivência da fé em comunidade.

O Neopentecostalismo é assim um movimento protestante em constante mudança. Segundo Mariano (2005) vale ressaltar que essa divisão do pentecostalismo brasileiro é feita apenas para podemos analisar e compreender melhor cada momento desse movimento religioso, e que cada igreja pode vir a apresentar novas características comportamentais ao decorrer do tempo, ou seja, não existe regra que possa impedir que

igrejas consideradas clássicas possam vir a apresentar características do Neopentecostalismo:

Práticas rituais, correntes teológicas não respeitam fronteiras denominacionais nem circulam somente numa determinada vertente evangélica. O Neopentecostalismo não só tende a exercer como já vem exercendo influência no pentecostalismo clássico e no deuteropentecostalismo. Mas influências além de recíprocas caminhamos mais diversos sentidos. (MARIANO, 2005, p. 47).

Não estamos trabalhando com um objeto paralisado e sim em constante dinâmica. A cada análise dos autores, percebe-se uma nova característica de determinada igreja, que não necessariamente venha a ser comum de sua onda.

Por fim, o movimento Neopentecostal possui semelhanças e diferenças quando comparado às outras duas vertentes, se aproximando quando a questão é a luta contra o diabo e seus aliados, porém, se afastando quando se trata de usos e costumes. Possui características próprias e um crescimento elevado.

Esse movimento como afirma Mariano (2005) parece ter esfriado a espera apocalíptica do fim do mundo, mas não deixando de lado a espera pela segunda vinda de Cristo, apenas agora eles querem que essa esperança seja de modo no mínimo confortável, sem nenhum sofrimento, para isso usam da forma que podem a teologia da prosperidade em uma tentativa de enriquecimento através da ajuda divina. E sem deixar de falar o avanço que essas pessoas estão tendo quando se trata de questões políticas, onde a cada eleição parecem aumentar seus números de representantes, seja ao nível municipal, estadual ou federal e ganham força para contrabalançar como diz Mariano (2005) o poder de seus lobbies religioso, midiático e político.

CAPÍTULO II

O NEOPENTECOSTALISMO DA IGREJA UNIVERSAL E SUA INTERFERÊNCIA NO AGIR POLÍTICO E MORAL DE SEUS MEMBROS

Neste capítulo, dividido em cinco tópicos, vamos apresentar em primeiro momento, o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus. Concluído esta etapa, buscaremos discutir nos tópicos seguintes, a noção de política, de cultura política, relação entre política e religião, também discutiremos brevemente o significado do conceito de moral, observaremos ainda o aprendizado político, o comportamento político e sua relação com o sentimento religioso encontrado nas igrejas neopentecostais – com ênfase na IURD. Concluiremos apresentando uma análise baseada em fontes orais e revisão bibliográfica, a fim de compreender o quão próximo estão as ideias defendidas pelas lideranças políticas do movimento neopentecostal e o posicionamento dos fiéis da Igreja Universal.

2.1 IGREJA UNIVERSAL – BREVE HISTÓRICO

Nesse tópico discutiremos em linhas gerais, a história e alguns pontos que marcaram ou marcam o surgimento e o progresso da Igreja Universal Do Reino de Deus ao longo de sua existência.

Segundo Mariano (2005) a IURD surge na década de 1970, no Rio de Janeiro. Seu surgimento está ligado a Igreja Nova Vida, de onde saíram para fundar a Universal, Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares).

Ferrari (2007) afirma que Edir Macedo, carismático e autoritário, portador de um senso prático dentro da recém-fundada IURD, cortou relações com seu cunhado R.R Soares. Ainda segundo o mesmo autor, em 1980, Macedo institui, junto a outros fundadores, o episcopado iurdiano, consagrando-se mutuamente e, a partir desse período, observa-se um acelerado crescimento de tal igreja.

Discutindo a respeito de seu crescimento, Ferrari afirma que:

Na década de 90, tendo apenas 20 anos, a IURD tornou-se uma potência religiosa e econômica, exercendo forte influência nas camadas populares. Como se pode notar, atualmente, a Igreja Universal demonstra ser de fortes estratégias institucionais, permeada de sensibilidade pastoral para lidar com as massas carentes e com a classe média no Brasil e no exterior. (FERRARI, 2007, p.105)

Ligados a uma estratégia empresarial³ e construindo uma aproximação das ditas “coisas do mundo” a IURD, alcança em duas décadas, um rápido crescimento dentro do pentecostalismo. Crescimento este que chamou atenção, além das igrejas concorrentes, despertou curiosidades da grande mídia e do judiciário. Neste sentido Mariano relata que:

Durante todo o segundo semestre desse ano, (1995) a Universal conseguiu e a proeza de manter-se no centro das atenções da sociedade e da mídia, ao protagonizar três polêmicos episódios em que rivalizava ao mesmo tempo com a Rede Globo e, de quebra, com a Igreja Católica, duas das mais poderosas instituições do país. Em todas esses episódios, o que estava em disputa era sempre o poder. Poder econômico. Poder político. Poder religioso. (MARIANO, 2005, p. 80)

Esta década de 90, apresentou-se como um período de expansão da IURD, mas também foi cenário de alguns conflitos envolvendo a Igreja. Como é caso da minissérie apresentado pela Rede Globo, chamada de “Decadência”, na qual se narrava a história de um pastor corrupto, que enriquecia a custas da exploração dos fiéis. Essa minissérie ajudou a causar uma onda de ataques mútuos entre IURD, Rede Globo e Igreja Católica. Também nesta década, assistimos a prisão de Edir Macedo, acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato.

Em se tratando da formação de seus líderes, a Igreja Universal, segue segundo Mariano (2005) a tradição leiga do pentecostalismo, seus pastores não possuem formações em seminários ou faculdades de teologia. Chegou por um breve período de tempo, a manter uma faculdade teológica no Rio de Janeiro, mas logo desistiu da ideia, no lugar, criou o Instituto Bíblico Universal.

Ainda na perspectiva Mariano (2005) se tratando de governo a IURD é centralizado em torno de seu líder carismático⁴. A instância máxima é o Conselho Mundial dos Bispos, seguida abaixo pelo Conselho de Bispos do Brasil. O mesmo autor afirma ainda que os fiéis não escolhem os líderes locais, estes no que lhes concerne,

³ De acordo com Renó (2004) estratégia empresarial é o que determinada pessoa ou instituição decide fazer e não fazer ao considerar o ambiente para concretizar sua visão e cumprir seus objetivos.

⁴ Para Murtinho (2010) o modelo de governo da IURD é o episcopal, ou seja, existe um bispo responsável em país, cidade, região ou grupo de templos.

obedecem a um esquema de rodízio, permanecendo por dois anos no máximo em uma congregação.

A respeito de seus membros, torna-se difícil identificar uma quantidade numérica daqueles que se dizem fiéis à IURD. Uma vez que, o Neopentecostalismo possui entre uma de suas características, a plateia flutuante. Tal aspecto significa dizer que é comum uma determinada pessoa, frequentar a Igreja Universal em um determinado dia da semana, e em outro, partir para outra denominação.

Embora seja citada essa característica anteriormente, o IBGE 2010 apontou um número aproximado de membros da IURD. De acordo com tal fonte, a Universal possui hoje 1,873 milhões de adeptos. Número que representa uma leve perda de 229 mil adeptos com relação ao senso de 2000.

Embora a IURD tenha perdido uma fatia de seus membros, essa instituição ainda se apresenta como a maior igreja do Neopentecostalismo brasileiro. Partiremos agora para o próximo tópico.

2.2. POLÍTICA, CONCEITO DE CULTURA POLÍTICA E POLÍTICA E RELIGIÃO E MORAL.

Neste tópico vamos apresentar, de forma breve, noção de política, o conceito de cultura política e por fim vamos discutir a relação ente política e religião.

2.2.1 O que é Política?

Normalmente quando se fala em política o senso comum logo remete a questões partidárias⁵. No entanto, sabemos que esse tipo de política é apenas mais um dos diversos ramos em que consiste o termo. Queremos apresentar aqui, de forma sintética, o que seria política para Hannah Arendt e Wolfgang Leo Maar. Neste sentido, vamos tentar nos distanciar do significado genérico do termo.

De acordo com Hannah Arendt (2002) a política trata-se da convivência entre os diferentes:

Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens organizam corpos políticos sobre a família, em cujo

⁵ De acordo com Bobbio (1983) ao se basear em Weber, a política partidária é um organização que visa a fim deliberado. É também uma organização complexa e de estilo burocrático e impessoal, o mesmo autor nos diz que a característica comum é de se moverem na esfera do poder político.

quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo pelo qual formas individuais semelhantes podem separar-se de novo umas das outras e uma das outras as outras. (ARENDDT, 2002, p.07)

Neste sentido, a autora acredita que a política é a relação estabelecida entre os homens com posicionamentos em comum. Para ela, afirma Torres (2007) Política e liberdade eram sinônimos. Ou seja: “a ação política só pode ser entendida como liberdade se a mesma não sofre qualquer forma de funcionalização, de instrumentalização, como apresenta nas atividades do labor e do trabalho” (TORRES, 2007, p.238).

Logo, para Hannah Arendt política seria ainda uma necessidade dos indivíduos para viver em harmonia com os demais humanos:

A política, assim aprendemos, é algo como uma necessidade imperiosa para a vida humana, e na verdade, tanto para a vida do indivíduo como para sociedade. Como o homem não é autárquico, porém depende de outros em sua existência, precisa haver um provimento da vida relativo a todos, sem qual não seria possível justamente o convívio. (ARENDDT, 2002, p.17)

A citação anterior apresenta a política como caminho necessário para a convivência em sociedade. Neste sentido, o homem, como um ser social, necessitaria naturalmente do contato com o outro, tal contato seria dada através da experiência política. Agora vejamos o que significado de política na visão de Maar.

Em um posicionamento mais direto Wolfgang Leo Maar nos diz que:

Apesar das múltiplas facetas a que se aplica a palavra “política”, uma delas goza de indiscutível unanimidade: a referência ao poder político, à esfera da política institucional. Um deputado ou um órgão de administração pública são políticos para a totalidade das pessoas. Todas as atividades associadas de algum modo à esfera institucional política, e o espaço onde se realizam, também são políticas. [...] um indivíduo que questiona a ordem institucional pode ser um preso político. [...] As pessoas, nos seus relacionamentos cotidianos, desenvolvem políticas para alcançar seus objetivos. [...] A Igreja, mesmo não sendo uma instituição política – prerrogativa do Estado secularizado -, sempre sustenta a proposta de fazer política, oferecendo um nível de atuação em que procura traduzir os anseios e interesses sociais. (MAAR, 1982 p.9-12).

Portanto, a política como uma ação humana, o indivíduo sozinho ou em grupo pode realizar política, uma Igreja, seja ela qual for, também pode exercer esses atos.

Enfim, a política se apresenta como um meio indispensável para a convivência humana, através dela o homem ganha liberdade de ideias, unem-se com aquele de

pensamento próximo ao seu e cria-se assim partidos e grupos cada qual com um ideal diverso. Como podemos notar o ato político é algo que vai muito além de uma questão partidária, como acredita Arendt (2002) a política é uma questão de liberdade. Liberdade de escolhas, liberdade de posicionar-se perante o mundo, etc.

E por falar em uma cultura política que busque formas mais humanas, vamos discutir no próximo subtópico o conceito de cultura política.

2.2.2 CULTURA POLÍTICA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Afinal, o que vem a ser considerada cultura política? Este questionamento será o nosso norteador no presente subtópico, aqui buscaremos com bases em alguns autores, responder esta questão.

Neste sentido, KUSCHNIR E CARNEIRO afirmam que cultura política é:

Conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significados a um processo político, pondo em evidências as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus autores. (KUSCHNIR e CARNEIRO, 1999, p.2).

Bernstein corrobora a definição acima quando afirma:

Pode se admitir, com Jean-François Sirineli, que se trata de uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política (BERSTEINS, 1998, p. 350).

Ou seja, cultura política é assim um conjunto de crenças e ideias de um determinado grupo de pessoas que, aliado a outras questões, dão sentido e visão de mundo para aqueles que seguem o mesmo ideal:

Observando esse modelo de cultura política, nota-se nela a presença de um conjunto de ideias e atitudes que ganham sentido através de símbolos provenientes da linguagem escrita e visual. A cultura política, como se pode perceber [...] não diz respeito a acontecimentos ordinários, necessitando uma séria de pré-requisitos: o domínio de códigos culturais e a pertença a determinados grupos que os façam circular. Daí a importância, no seu engendramento, não só dos acontecimentos políticos, líderes, heróis, livros, manifestos, declarações. Há, portanto, como diria Pierre Bourdieu, todo um “capital cultural” envolvido como forma de obter um padrão dominante de convencimento no campo político. (Montalvão, 2008, p.)

Cada sociedade possui sua cultura política e seguem assim as normas estabelecidas por esta:

A cultura política seria um conjunto de normas, valores, tradições, práticas e representações difundidas e compartilhadas pelos indivíduos na sua experiência num dado ambiente histórico e cultural. Em torno delas, homens e mulheres se identificam e aderem aos seus símbolos e ritos. E dessa forma, por elas, seus sentimentos e opiniões políticas são mobilizados, assim como suas ações políticas são orientadas, graças às leituras de mundo, de passado, de futuro, e de uma sociedade ideal que a cultura política lhes fornece. (BAPTISTA, p.672)

Nesta perspectiva é importante assinalar que, de acordo com Norberto Bobbio, um determinado lugar não possui uma cultura política homogênea:

Muito pelo contrario. Podemos pensar que a Cultura política de uma da sociedade é normalmente constituída por um conjunto de subculturas, isto é, por um conjunto de atitudes, normas e valores diversos, amiúde em contraste entre si. Em sociedade complexas articuladas em estruturas bastante diferenciadas e resultantes da agregação de comunidades com história e tradições diversas, a presença destas conformações chamadas subculturas não causa admiração; a sobrevivência de divisões étnicas e de diferenças linguísticas constitui sua prova exterior mais evidente. (BOBBIO, 1998, p. 317)

Ou seja, ao buscarmos definir a cultura política de um determinado país, como por exemplo, o Brasil, é necessário levarmos em consideração a existências de múltiplas subculturas dentro desse território, existindo assim uma cultura política diferente para cada uma delas. Logo, poderemos encontrar em lugar, grupos com uma identificação maior com a democracia, assim como guetos mais próximos a regimes autoritários.

A cultura política seria, grosso modo, um conjunto de ideias, crenças, valores, etc. defendidas por uma determinada sociedade, mas, como afirmamos no paragrafo anterior, por mais que usemos a expressão “história política” no singular, a mesma não encaixa no padrão de homogeneidade. Ou seja, não é, de certo modo, sugestivo afirmar que um país possa essa ou aquela cultura políticas, uma vez que, conforme a região se poderá encontrar uma séria de subculturas, estas por sua vez, estará carregada uma cultura política diferente.

Utilizamos como exemplo, o caso do Brasil, a cultura política presente em determinado seguimento da sociedade, tal como os pentecostais, poderão apresentar uma ideia de cultura política diferente de outros grupos desse país. Passaremos agora a discutir a relação entre Política e Religião. Como que tal interação se estabelece e age perante determinada sociedade.

2.2.3 MORAL E POLÍTICA

No presente subtópico será realizado uma breve discussão da relação estabelecida entre as ideias morais e as políticas.

De acordo com Cohen (1994) a moral é um sistema de valores na qual resultam normas que são consideradas corretas por uma determinada sociedade. Como exemplo ele cita o código penal e os dez mandamentos cristãos:

Assim como ocorre com todos os códigos de moral, as proibições vêm sempre precedidas de um não, ficando implícito que todos possuem esses desejos, e que eles devem ser reprimidos, caso contrário haverá castigo. (COHEN, 1994, p.03)

A moral é assim, grosso modo, um conjunto de regras estabelecidas, nesse sentido, Ortega (2011) nos apresenta uma série de características que dizem respeito a moral. Os valores não são questionados Os valores são impostos, a desobediência leva a aplicação de castigo. Passamos agora a observar a proximidade entre moral e política.

Para Diniz:

Até o início do século XVI, política e moral não constituíam campos separados; ao contrario, eram tratadas de forma indistinta, sendo as avaliações dos fatos políticos afetados por julgamento de valor. Algumas obras revelavam a redução total de política à moral, tal como se pode observar em A educação do príncipe cristão, de Erasmo de Rotterda [...] no qual Erasmo traça o perfil do bom príncipe, enfatizado a relevância da magnanimidade, da temperatura e da honestidade, enfim, de atributos definidores de retidão moral do soberano. Maquiavel rompe com essa forma de subordinação da política aos ditames da moral convencional e afirma que política tem uma lógica própria e razões nem sempre compatíveis com princípios consagrados pela tradição. (DINIZ, 1999, p.61)

Na citação anterior, o autor nos apresenta a visão de Maquiavel, neste sentido, ele propõe a separação entre moral e política. Uma vez que, segundo Diniz “estando esta última associada à chamada “razão de Estado”. A novidade do argumento consiste em admitir que a ótica do indivíduo e a ótica do Estado são distintas e nem sempre o que é bom para o indivíduo é igualmente adequado para o Estado”. (DINIZ, 1999, p.61).

Enfim, ao observamos, por exemplo, o cenário político-partidário brasileiro é possível notarmos a aproximação de uma grande quantidade de políticos que por vezes acabam por levar suas ideias morais para o centro de discussões laicas, como é o caso das câmaras municipais e federais. Neste sentido, não existe um claro distanciamento entre ideias morais e ideias políticas. Vamos analisar melhor “união” no próximo subtópico.

2.2.4 POLÍTICO E RELIGIÃO: UMA “UNIÃO” CADA VEZ MAIOR

Neste subtópico, será discutida a proximidade entre duas instituições presente em diversas sociedades, a política e religião. Com foco para as atuações políticas pentecostais e neopentecostais brasileira.

De acordo com Coutrot: As ligações íntima entre religião e política durante muito tempo foram desprezadas pela história do político, que se interessava sobretudo pelas relações entre Igrejas e o Estado e pelos períodos de crise. Contudo, desde a década de 20 Charlie Seignobos se interrogavam sobre os componentes religiosos do voto, e André Siegfried no seu monumental *Tahleau politique de la France de oues* (1913), estudava os diferentes tipos de atitudes políticas segundo os modelos de ligação com a Igreja Católica, e depois analisava o protestante. (COUTROT, 2003, p. 331)

Temos neste primeiro momento a confirmação que, os estudos que estabelecem a ligação entre política e religião não são novos. A autora nos chama a atenção para as obras de Siegfried e Seignobos, ambos já realizam essa relação desde o século XX. Nos dias atuais isso não é diferente, a mesma autora nos diz que: “hoje, as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação política em numerosos domínios. Elas fazem parte do tecido político, relativizando a intransigência das explicações baseadas nos fatores sócios – econômicos”. (COUTROT, 2003, p. 331).

Compreender o envolvimento entre estas duas instituições nos permite, por exemplo, entender a importância política de determinado grupo:

O estudo das forças coletivas não poderia fazer esquecer as determinações individuais dos cristãos diante de um acontecimento comum [...] as eleições que escandem a vida política. O estudo do voto cristão é uma importância capital devido à importância dos efetivos envolvidos [...]. Até bem muito tempo – e tudo o que precede aponta nesse sentido – sabia-se que a filiação religiosa tinha relação com o comportamento eleitoral. (COUTROT, 2003, p. 351).

Assim, de acordo com a citação anterior, é de conhecimento a íntima relação estabelecida entre o comportamento religioso e as práticas políticas. Ou seja, o fato de determinada pessoa pertencer aquele segmento religioso, diz muito sobre como mesmo, provavelmente, se comportará perante uma decisão política. Neste sentido, é impossível não nos lembrarmos do sucesso eleitoral dos candidatos ligados a igrejas pentecostais:

“A capacidade ímpar de algumas igrejas pentecostais de mobilizarem votos entre fiéis e de, portanto, serem fatores relevantes na determinação dos resultados eleitorais”. (RABAT, 2010, p.23).

Neste sentido, Paul Freston (2006) nos apresenta dois modelos de atuação política dos pentecostais. O modelo Institucional e o modelo autogerador.

O primeiro modelo, segundo o mesmo autor representado pela IURD: “A Igreja, como instituição, entra na política defendendo as suas propostas, as quais podem ser boas ou não. Muitas vezes, trata-se de mera defesa de seus interesses institucionais”. (FRESTON, 2006, p.11)

O segundo, diz respeito, de acordo com Freston (2006) ao modelo autogerado ou auto impulsionado. Este por sua vez, funcionava da seguinte forma:

O indivíduo evangélico que constrói uma posição política, ou que já possuía antes de se tornar evangélico, atua de maneira autônoma e faz um apelo aos evangélicos para que votem nele. Há Muitos deputados estaduais e federais que se enquadram nesse modelo. (FRESTON, 2006, p. 11-12)

Temos então, dois modelos políticos apresentados do Freston (2006) que são utilizados por candidatos pentecostais. O primeiro diz respeito mais ao envolvimento da instituição, já o segundo, se apresenta como um modelo mais utilizado por um membro isolado, este por sua vez, usa o discurso ser evangélico para receber apoio de seus pares.

Como vemos a religião, no caso Brasileiro e pentecostal, está intimamente ligada com política. Vejamos mais uma vez o exemplo da IURD, controladora de um partido político. Como cita Machado (2012), a participação de líderes religiosos ligados a Igreja Universal, acabou atraindo para o PRB (Partido Republicano Brasileiro) diversos políticos do segmento neopentecostal. Para compreender a importância desse partido político, basta observar que o mesmo possui entre deputados estaduais e federais e senadores, também governa a segunda maior cidade brasileira, o Rio de Janeiro.

Enfim, não é possível desprezar a proximidade existente entre a política e as instituições religiosas. Cada vez maior é o número de representantes no legislativo e executivo de políticos com estreita proximidade com uma igreja.

2.3 O APRENDIZADO POLÍTICO NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS.

Aqui serão desenvolvidas as abordagens baseadas na obra de Arenari e Torres (2006), de como se dá o aprendizado político nas igrejas ligadas ao Neopentecostalismo. Ou seja, aqui será discutido, se as igrejas neopentecostais, em especial, a IURD, oferecem de algum modo condições para seus fiéis se posicionarem politicamente frente à sociedade que os cercam.

Segundo Arenari e Torres (2006) ao analisar as igrejas protestantes norte-americanas, observa-se que as mesmas ofereciam um papel de minimizar os medos que freavam o aprendizado e o engajamento político. Assim como, forneciam algo que segundo os autores, inexistiam no pentecostalismo brasileiro. Neste sentido, esses autores afirmam que as igrejas protestantes dos E.U. A:

Disponibilizaram, nesse mesmo contexto, uma linguagem religiosa que permitisse aos crentes incorporar e internaliza esquemas cognitivos e avaliativos suficientes para eles pudessem tomar posições políticas autônomas e não personalistas. Segundo Randolpho, “a esfera religiosa é capaz de promover não apenas liberação individual, mas também uma orientação para solidariedade social através do amor impessoal” (2003, p. 147). (ARENARI E TORRES, 2006, p. 214).

A citação acima, diz respeito ao papel apresentado pelas Igrejas Protestantes dos EUA no processo de independência do país. Neste sentido, para Balbino (2010) esse grupo encontra-se nos primórdios da constituição do povo na guerra pela independência de seu país. Ou seja, a religião entra como um fator decisivo para construção dessa nova nação que surge a partir da revolução americana⁶. Existindo assim uma forte influência das igrejas perante seus membros e lhes dando apoio político em suas lutas.

Quando se observa o quadro religioso brasileiro, no caso, das igrejas neopentecostais, se constata, segundo Arenari e Torres (2006) que a política tem sido influenciada pela religião de uma forma diferente. No nosso caso, ainda segundo Idem (2006) ao invés do aprendizado coletivo extra estatal, tivemos, e ainda temos uma religiosidade que buscou estabelecer sua influência dentro do próprio Estado, ocupando as mais altas posições. Neste sentido os autores defendem que:

Essa estratégia jamais levou em consideração a questão do aprendizado coletivo e, por conseguinte, a questão da construção ou da ampliação da

⁶ Ver Balbino, Michele in: **A influência Protestante na formação do EUA e sua Política exterior: da fundação ao Destino Manifesto.**

esfera política apartada do poder formal, compatibilizando-se com práticas clientelistas e assistencialistas, quando estas eram necessárias para chegar ao poder, não com o enriquecimento e a emancipação cognitiva da massa. (ARENARI E TORRES, 2006, p. 216).

O que se observa é um comportamento político vindo a partir das igrejas pentecostais e neopentecostais, mas uma política não no sentido de uma coletividade, onde a igreja daria base a seus membros, para que os mesmos pudessem lutar pelos seus direitos, como foi o caso das igrejas norte-americanas. O que se nota, é uma política voltada para o Estado, onde um determinado membro candidata-se e com apoio de sua igreja, através, muitas vezes, de práticas populistas e clientelistas. Tais candidatos terminam por vencer o pleito eleitoral e assim, exercer uma política partidária e longe da coletividade daqueles que o elegeram.

Neste sentido de política partidária dentro do movimento neopentecostal, Mariano (2005) nos diz que: a Igreja Universal representa dentro do movimento, o caso de maior sucesso eleitoral. A citada igreja, afirma o autor, não mede esforços para eleger seus candidatos. Sendo comum, durante as campanhas, os templos exibirem faixas com o nome e o número dos candidatos oficiais da igreja.

Portanto, a argumentação de Mariano (2005) colabora com a afirmativa de Arenari e Torres (2006) quando os mesmos afirmam que as práticas políticas presentes no Neopentecostalismo se afastam de uma esfera coletiva e se aproxima de práticas políticas voltadas para o interesse da instituição e não de seus membros.

Logo, a noção de política que aparentemente, perpassa o ambiente da IURD é a política de cunho partidário e com estreita ligação com o discurso religioso:

Se, portanto, o diabo atua na política – ocasionando a corrupção e os comportamentos ilícitos e antiéticos –, a Universal se diz capaz de libertá-la do poder desse mal. Para isso, aciona um recurso invisível, mas poderoso, a força que purifica tudo, inclusive a política: a “força do Espírito Santo”, o “poder do Senhor Jesus”, “o pai das luzes que vence o poder das trevas”, segundo o dizer dos ministros da IURD”. A consequência desse discurso é que para os fiéis iurdiano votar não constitui apenas um exercício de cidadania. Ele também é concebido como um ato que preenche um sentido quase religioso. (ORO 2003, p.58).

Enfim, de acordo com autor citado anteriormente, o Igreja Universal se coloca como uma liberadora das mazelas mundanas, o campo político, portanto, não estariam livres de sofrer as investidas do “poder das trevas”. Neste sentido, as lideranças da IURD buscam, com este discurso, chamar atenção de seus fiéis para o ato de votar em candidatos da Igreja. Afinal, como afirma Oro (2003) o voto, no discurso iurdiano, é

mais que um ato de cidadania, é um dever religioso de combater as coisas ruins do mundo.

2.4 O COMPORTAMENTO POLÍTICO E SUA LIGAÇÃO COM O SENTIMENTO RELIGIOSO NEOPENTECOSTAL.

Aqui iremos discutir o comportamento político de líderes de igrejas e como isso se relaciona com o sentimento religioso.

O fiel, ao ingressar em uma nova religião, de certo modo, estaria em busca de respostas:

Por que alguém se converte? As razões podem ser de natureza externa ao indivíduo. Ou podem ser de natureza interna, quando as questões existenciais últimas deixam de ser adequadamente equacionadas pela religião de origem. (MATA, 2010, p.102)

Nesta perspectiva, o indivíduo, ao ingressar em uma nova religião estaria em buscas de respostas que se fazem presente em sua vida, como por exemplo, perguntas como, existe vida após morte? De onde viemos? Poderiam ser solucionadas por sua denominação religiosa. O sentimento religioso estaria assim presente em suas escolhas:

A religião costuma ser vista como um dos principais recursos legitimadores de uma dada ordem social. E, de fato, normalmente ela é isso. Num livro que marcou época, Caio Boschi (1986) postulou que as irmandades e ordens terceiras teriam atuado, no período colonial, como importantes instâncias de amortecimento das tensões sócias. (MATA, 2010, p. 104)

Neste sentido, a religião e o sentimento que ela carrega perante o fiel, seria importante agente na hora de uma determinada pessoa realizar suas escolhas sociais, familiares e políticas. O membro, ao se deparar com as respostas apresentadas por sua nova religião tomaria assim suas decisões com base nelas.

Enfim, sentimento religioso seria, grosso modo, as resposta dada a uma determinada pessoa no seio de uma religião, ele agiria com um conforto para aqueles que em algum tipo de aflição. Nesta perspectiva vamos observar como este sentimento se relaciona com o posicionamento políticos dos membros do neopentecostalismo.

Segundo Arenari e Torres (2006), os setores e classes sociais que adotam as posturas mais individualistas e tolerantes, não só possuem mais escolaridade como também não estão inseridos no universo de religiosidade magica que atualmente encontra no movimento neopentecostal seu principal representante. Por outro lado, aqueles com atitudes mais intolerantes com determinados assuntos como, por exemplo,

casamento de pessoas do mesmo sexo, liberação do uso da maconha etc. Caracterizam precisamente as camadas menos instruídas e mais apegadas a uma visão mágica de mundo.

Ainda segundo os autores, teóricos como Weber, acreditavam que a magia como uma religiosidade típica das camadas camponesas, e logo perderia espaço ao longo do processo de desencantamento do mundo. No entanto, a religiosidade mágica continua presente na contemporaneidade em uma nova configuração social, abrangendo transformações em vários aspectos.

Logo, embora se tenha decretado o inevitável desaparecimento de práticas mágico-religioso, a mesma volta com uma nova estrutura e presente em sociedades modernas. Tais sociedades, mesmo contando com um aparato institucional, em tese, capaz de direcionar o pensamento político e social desligado de interesses próprios, assiste, com a ascensão de movimentos mágico-religioso, no caso, o Neopentecostalismo, uma parcela de sua população abandonar instituições estatais e buscar abrigo em Igrejas. Essas por sua vez, oferecem a estas pessoas, além de conforto emocional, um conjunto de explicações referente ao mundo, que de certa forma, ajudam a construir em seus membros um ideal político, que está carregado, muitas vezes, de práticas individualistas, como é o caso do clientelismo, assim como contribui na formação de ideias mais intolerantes a respeito do outro.

Esta característica, dita como conservadora está presente, também, no campo partidário dos políticos neopentecostais. A esse respeito Mariano (2005) nos diz que:

Tal como em 1989, durante a campanha presidencial de 1994, Macedo e seus aliados fizeram acirrada oposição ao PT. Por meio da Folha Universal, jornal semanal de circulação nacional, jogaram pesado contra a candidatura do petista. Além de identifica-lo com o demônio e de garantirem que sua vitória resultaria em perseguição aos evangélicos, acusações de que o PT sofria havia tempos, desta vez tiveram a preocupação de consubstanciar concretamente o risco de um eventual governo de esquerda. (MARIANO, 2005, p. 93)

Observa-se na citação anterior, portanto, o uso do discurso religioso para justificar um posicionamento político. Uma vez que, para fundamentar suas campanhas contra candidatos de esquerda, os líderes da Igreja Universal, defendiam que os mesmos (candidatos progressistas) representariam um perigo para suas práticas religiosas. Neste sentido o mesmo autor destaca que:

A folha Universal acusou o Partido dos Trabalhadores de Pretender legalizar o casamento de homossexuais e Lula de defender o aborto, mostrou uma foto dele com a bandeira sem a expressão ordem e progresso e outra em que o ex-líder sindical, ao lado da mãe-de-santo Nitinha, estaria, conforme destacava a manchete, apelando para o candomblé, ou seja, para o próprio Diabo. (MARIANO, 2005, p. 94)

A citação anterior, de Mariano, confirma o argumento levantado por Arenari e Torres (2006) quando os autores afirmam que: pessoas inseridas em um universo de religiosidade mágica, possuem como é exemplo do Neopentecostalismo, uma postura política mais tolerante com a diversidade humana.

Com isso, queremos discutir que: ao torna-se membro de uma determinada igreja ligada ao Neopentecostalismo, o novo filiado encontra, neste “novo” mundo, uma teia de ideia política e moral, que, de uma forma ou de outra, acabam por influenciá-lo em seu comportamento perante a sociedade. O que nos importa aqui são, precisamente, dois aspectos: O comportamento político e moral de fiéis do movimento neopentecostal, em específico, a Igreja Universal do Reino de Deus. E, como tal comportamento pessoal liga-se direta ou indiretamente com as ideias pregadas dentro de uma igreja neopentecostal.

Para este fim, elaboramos um roteiro de entrevista e buscamos assim, analisar através das falas de um determinado grupo de fiéis da Igreja Universal, as ideias de cunho político e moral e sua ligação com suas práticas religiosas.

2.5 A IGREJA UNIVERSAL – COMPORTAMENTO POLÍTICO E MORAL: INSTITUIÇÃO E FIÉIS.

Para realização de nossa entrevista, optamos por conversar com 05 membros que frequentam a IURD regularmente. Para preservar suas identidades, preferimos chamá-los de membros “A”, “B”, “C”, “D”, “E”. Todos assinaram uma declaração permitindo a utilização de suas falas para os fins do nosso trabalho.

Os fiéis foram escolhidos de forma involuntária, sendo procurado por mim nas suas respectivas igrejas, apresentei-me, discorri um pouco sobre o tema qual estava trabalhando, argumentei que suas identidades seriam preservadas, etc.

O membro “A” é uma senhora de 40 anos, estudante universitária, frequenta a IURD uma vez por semana, nos relatou que se sente mais segura ao frequentar tal igreja, uma vez que a mesma fica próxima de sua residência. É casada, possui 04 filhos e devido à faculdade não trabalha. Reside em outro município do Amazonas, se

estabeleceu em Tefé devido o curso Universitário. Ela sempre trabalhou em comércio, mas, de acordo com suas falas, o sonho de concluir uma graduação era enorme, assim quando surgiu a oportunidade, resolve sair de seu município de origem, sozinha, e venho morar em Tefé.

O membro “B” por sua vez, é um senhor de 55 anos, comerciante, nascido no acre e radicado no Amazonas. Na juventude frequentava outras igrejas, com o tempo se aproximou da Universal. A entrevista havia sido marcada com sua esposa, no entanto, quando chegamos a sua residência, a mesma relatou está ocupada, passando a tarefa para seu esposo. Nesse caso, aceitamos a proposta e se iniciou a conversa com ele. Este membro nos falou um pouco sobre sua vida. Quando mais jovem se mudou para o Amazonas, mas, devido ao filho precisar estudar, regressou ao seu estado de nascimento, o Acre. No entanto, mais uma vez um dos filhos, dessa vez um militar, foi deslocado para Tefé, fazendo com que toda sua família voltasse para o Amazonas e aqui estão até os dias atuais.

Já o fiel “C” é um jovem de 24 anos, divide o tempo na casa dos pais e a casa da sogra. Começou a frequentar a IURD depois de adolescente, antes era católico. No momento ele não trabalha, vive em união estável com uma mulher de 22 anos e juntos dela possuem uma filha.

O membro “D” é um rapaz de 31 anos, no início de nossa conversa, o mesmo se revelou como obreiro que quando jovem era segundo suas palavras “chefe de galera”. Sendo, inclusive, preso uma vez. Hoje ele garante que sua mudança se deu graças ao seu envolvimento com a Igreja Universal. Tal membro, diferente dos demais, não discorreu sobre sua família, como filhos ou esposa.

A fiel “E” é uma jovem de 25 anos, a entrevista foi marcada na casa de sua mãe, com quem reside. Frequenta a IURD faz alguns anos, trabalha com artesanatos, vendendo suas peças enfrente da própria casa.

O número de membros com quem marcamos conversar foi maior, no entanto, algumas pessoas desmarcaram, e outras, quando eu cheguei às suas casas, resolveram não mais falar.

Neste tópico, vamos discutir, com base em entrevistas e um referencial teórico, o comportamento político e moral apresentado por membros da IURD e sua relação com as ideias políticas e morais defendidas pela cúpula da igreja.

O já discutido pentecostalismo clássico, conhecido como primeira onda, observava a política partidária como algo a ser evitada. Tal atitude é compreendida ao

se ter em mente uma das principais características desta primeira onda: a rejeição a ideias ditas mundanas. Comentando a esse respeito, Arenari e Torres nos dizem que:

Como todas as esferas mundanas eram percebidas como seara do diabo, o aspecto político dessa primeira onda não poderia ser outro senão uma convicção fortemente apolítica. (ARENARI E TORRES, 2006, p. 200).

Assim sendo, a primeira e segunda onda tiveram pouco ou nenhuma atuação política partidária em seus primórdios. Tal tarefa é assumida pelas igrejas de terceira onda. Neste sentido de participação política, Ferrari nos diz que:

O bispo Macedo percebeu, desde logo, a importância da política partidária para o seu empreendimento, cujos interesses iam além do religioso. [...] Já em 1986, eleição fundamental para a renovação da Constituição do país, o Bispo Macedo deu um passo firme lançando alguns candidatos, líderes da Igreja Universal. (FERRARI, 2007, p. 188)

Sendo assim, para Dantas, “O carisma da Universal é tão intenso que proporciona um alto nível de fidelidade de votos e compromissos dos fiéis-eleitores com os candidatos oficiais da igreja [...]” (DANTAS, 2011, p.32).

Quando questionado ao membro A (Feminina, 40, Entrevista, 2017) sobre seu posicionamento a respeito de candidatos políticos ligado a IURD, o mesmo nos respondeu que: “[...] o certo, não é envolver a igreja, o pastor na política, não tem nada haver, não era pra ter [...]” neste mesmo sentido o membro C nos diz que:

Tem pastores, pessoas dentro da igreja, que assumem com um pensamento diferente, mas, quando eles entram na política, a maioria deles muda o pensamento, dinheiro muda as pessoas, tem pessoas que entra com o desejo de fazer coisa boa, mas pelo dinheiro ela se corrompe, ela abandona o pensamento positivo. (Masculino, 24 anos, Entrevista, 2017).

Já o membro B Masculino 55 anos:

Eu acho que todo pastor deve ensinar e incentivar os seus fiéis, no caso, seus seguidores, suas ovelhas, a votar. Acho que o pastor não manda no voto de ninguém. [...] Eu não posso dizer, por exemplo, vota no Amazonino, não vota no Eduardo Braga, eu não posso fazer isso, o voto é secreto, é Deus e Você. E você e Deus... (Masculino, 55 anos, ENTREVISTA, 2017).

O membro D por sua vez:

Eu não costumo votar em candidatos apresentados pela Igreja, né, eu não vou pela indicação da igreja, isso ou aquilo. Eu voto nos candidatos que eu vejo que tenham uma boa proposta. (Masculino, 31 anos, ENTREVISTA, 2017).

O posicionamento de tais membros se opõe aquilo que é defendido pelo líder maior da IURD:

A direção da Igreja Universal procurava controlar de maneira direta o contato dos candidatos com seus fiéis, instruindo-os para que não votasse em candidatos que não tivessem sido apresentados e “recomendados” oficialmente a igreja. (RODRIGUES, 2011, p.194)

Neste mesmo sentido Dantas afirma que:

Os membros convertem-se em cabos eleitorais, distribuindo folhetos e fazendo proselitismo político, o que demonstra que se engajam ativamente na campanha, agindo como verdadeiros militantes. Nas fachadas dos templos, são afixados cartazes publicitários com nomes e os números dos candidatos e, ao final das reuniões mais lotadas, os pastores ficam incumbidos de repetir os nomes indicados pela igreja para que os fiéis possam fixar em que deverão votar. (DANTAS, 2011, p. 31 – 32)

Como se pode observar nas falas acima, alguns membros, como o “D”, demonstrou o contrário ao afirmado por Dantas, tal membro não costuma votar em candidatos apresentados na Igreja. Já o membro “B”, por outro lado, acredita na importância do incentivo que os pastores dão na hora da escolha de um candidato.

Observa-se, ainda, um significado político, como discutido no tópico anterior, voltado para representatividade estatal, e não para o engajamento social de seus membros.

Buscamos, em nossa entrevista, ouvir os fiéis da Igreja Universal a respeito de temas que esbarram enfrentamento de parlamentares e líderes ligados a IURD. Como é o caso do tema feminismo. Ao longo de nossas conversas, tal assunto foi recorrente, o membro A (feminina, 40 anos, ENTREVISTA, 2017) nos relata que: “Eu sou favorável, de carteirinha... é muito importante. [...] antigamente a mulher não tinha voz, tinha sim, mas por baixo, ela não era vista, mas fazia o papel dela [...] curiosamente, foi a única a se mostrar favorável a tal movimento social. O membro B (Masculino, 55 anos, ENTREVISTA, 2017) a esse respeito nos diz que:” eu sou contra! Mas eles são eles... “Pra eles ali é o desejo da carne é o desejo deles, mas, eu como cristão, não posso concordar com isso”. Já membro C (masculino, 24 anos, ENTREVISTA, 2017) foi enfático, “eu sou contra isso aí”.

Podemos observar nas falas dos entrevistados, com exceção do “membro A” uma clara rejeição ao movimento feminista. Ao observar as atitudes dos líderes da IURD frente a este tema, podemos destacar, segundo Gallo (2014) que não existe nas igrejas neopentecostais um discurso feminista, tampouco igualdade de gênero. A religiosidade, afirmar a autora, da IURD continua a contribuir para a desigualdade de gênero.

Outro ponto importante quando diz respeito a IURD e suas lideranças são suas campanhas contra as demais religiões, como é o caso de diversos ataques sob as mesmas de matriz africana.

Vale destacar que a perseguição a religiões de matrizes africanas não é nada recente. Como afirmado no primeiro capítulo, Ricardo Mariano argumenta que:

Transformar os deuses das religiões adversárias em demônios constitui antiquíssima prática na história do cristianismo, que principiou por demonizar os deuses da Grécia Antiga e de Roma. Dois Milênios depois, crenças, rituais, deuses e guias dos afro-brasileiros e espíritas são percebidas e classificadas como demoníacos pela esmagadora maioria evangélica e até por alguns expoentes da Igreja Católica (MARIANO, 2005, p. 111).

Logo, defende Mariano (2005) não é de agora que os cultos afro-brasileiros são atacados por pentecostais. Mas, de acordo como o mesmo autor, foi na década de 1980 que se desencadeou uma série de ataques contra os cultos afros. A chamada “guerra santa”:

Fundada por um ex-umbandista no Rio de Janeiro, cidade-berço da umbanda a Universal desencadeou esta guerra e continua empenhada em prosseguir-la, ainda que, em decorrência dos processos judiciais e dos inquéritos policiais que sofreu, o faça de modo mais *soft* e menos visível. (MARIANO, 2005, p.112)

Observa-se uma aversão abertamente defendida pela IURD contra as religiões de matrizes africanas. Ao longo de nossa conversa, os membros da Igreja Universal puderam defender seu posicionamento a respeito desse tema: o membro “E” nos apresentou que: “Cada um tem seu ritmo, eu não tenho nada contra, seus deuses, né? sua fé” (Feminino, 25 anos, ENTREVISTA, 2017). A fala de tal fiel da IURD foi bem breve, ela optou por não discorrer muito sobre o tema, logo, ela foi direta naquilo que defendo como correto. O membro B, por sua vez, foi mais extenso em sua fala, e palavras comuns em cultos da IURD, tais como “macumbeiro” e “feiticeiro”, foi também recorrente na sua fala:

Todas as religiões falam de Deus, falam de deus, mas, nem todas falam de Jesus, pregam realmente aquele evangélico. Claro que todas levam a Deus [...] mas tem também seus ídolos aí, né? Eles são devotos, eu acho assim, que a gente tem que ser devoto de uma só pessoa que é Deus. [...] eu não posso trocar deus por um cara desses daí (ídolos) jamais. Mas, eu acho assim, cada um fica aonde ele quer, se ele é macumbeiro, ele é macumbeiro; se ele é feiticeiro, ele é feiticeiro. [...] quantos macumbeiros hoje, pai-de-santo, hoje são crente? Porque deus tirou aquelas pessoas dali, daquela macumbeira e libertou... (Masculino, 55 anos, ENTREVISTA, 2017).

Quando o entrevistado B relata que: “deus tirou aquelas pessoas dali, daquela macumbeira e libertou” essa fala remete justamente a tal “guerra santa” onde, segundo Mariano:

Os neopentecostais creem que o que se passa no “mundo material” decorre da guerra travada entre as forças divina e demoníaca no “mundo espiritual”. Guerra, porém, que não está circunscrita apenas em Deus/Anjos X Diabo/demônios. Os seres humanos, conscientes disso ou não, participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha. (MARIANO, 2005, p. 113)

Neste sentido, o dito “macumbeiro” que segundo o membro B, se libertou, estaria ativo na dita “guerra santa”, mas do lado oposto ao do membro ouvido.

Ainda a esse respeito o Membro “D” acredita que: “Acho que cada um tem a sua forma, mas, pra mim, eu vejo assim: em busca de Deus, eu vejo todas no ponto de vista normal, não critico nenhuma, nem outra, sendo que o alvo principal é Deus, né [...]” (Masculino, 31 anos, ENTREVISTA, 2017). Assim, como membro “E”, o membro “D” optou por não discorrer muito a respeito do tema. Contentou-se por afirmar seu respeito para com as demais religiões.

Um tema recorrente quando se observa a atuação política das lideranças da IURD e de seus pares, são os seus posicionamentos contrários a respeito do direito da população LGBT. Comentando a esse respeito, PRANDI E SANTOS nos dizem que:

Quando se trata de rejeição à legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo e adoção de crianças por casais gays, os evangélicos não só disparam na comparação com as demais religiões como também formam a maioria dentro de seus grupos. (PRANDI E SANTOS, 2017, p. 195).

Neste sentido, buscamos analisar o posicionamento de alguns membros a esse respeito. O membro “E” nos diz que:

Não é certo! Eu vou na bíblia, eu vejo assim: no lado religioso, não está certo. Mas, eu não discrimino não apoio, mas eles, é eles [...] no meu ver, na bíblia diz, Deus colocou uma companheira pro adão, não foi mulher

com mulher, nem homem com homem. Mas eu não tenho nada contra isso. Mas, assim, no meu ver, está errado. (Feminina, 25 anos, ENTREVISTA, 2017).

Observa-se na fala de tal membro, sempre uma evocação dos preceitos religiosos para tomar uma posição referente aos direitos LGBTs, como, por exemplo, o casamento civil. Ao mesmo tempo, nota-se uma preocupação para não demonstrar desrespeito.

Ainda a esse respeito, o membro “C” faz uma argumentação bastante semelhante ao defendido pelo membro anterior:

No meu ponto de vista, eu não acho certo, eu vou mais pelo lado da bíblia, né, que Deus fala assim: como família é o homem e mulher, para gerar uma família. Acho que, entre homens, eu não vejo isso como um ponto certo. Mas, quem gosta nada contra, mas eu não vejo como um ponto de vista certo. (Masculino, 24 anos, ENTREVISTA, 2017).

Já o membro “B” afirma que:

Isso é um absurdo, nós evangélicos, protestantes... Isso é um absurdo! Mas, é uma lei que eles inventaram, nós não pudemos dizer que não, certo? Porque se você fala que não, você pode ir preso, se, eles, denunciar alguém, acusando eles, dessa imoralidade, eles podem, muito bem dar parte daquela pessoa. Posso ser até preso, mesmo estando certo. A bíblia condena isso. O próprio Deus, com a bíblia, condena esse tipo de atitude [...] mas são seres humanos, quem sabe, um dia, vão ser libertos, Curados, transformados por Deus [...].

A fala desse membro chama atenção, pois, o mesmo utiliza o termo “curado” remetendo assim, a homossexualidade ao status de doença. Dentre todos os entrevistados, foi o único a defender tal posicionamento.

Enfim, o que foi pretendido com este tópico foi trabalhar as principais ideias defendidas pelas lideranças de IURD e traçar um paralelo com aquilo que falado por seus féis de Tefé. Como ideias sobre, religiões de matrizes africanas, casamento entre pessoas do mesmo sexo, envolvimento de seus líderes religiosos em políticas partidárias, etc. são recebidos e resinificados pelos membros da Igreja Universal. Para isso, nos recorreremos a entrevista e um conjunto de referências bibliográficas a fim de trazer para discussão o posicionamento das lideranças da IURD e de seus fiéis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, buscamos apresentar a história do protestantismo brasileiro. Como visto, o mesmo é heterogêneo, dividido em várias fases ao longo de seu processo de desenvolvimento. Passeamos pelo protestantismo de Imigração, de missão e chegamos ao seu estágio atual com o Pentecostalismo e suas vertentes, com ênfase no Neopentecostalismo.

É apenas com o pentecostalismo que os protestantes, de certa forma, ganham grande espaço frente à população brasileira. O mesmo, especialmente os pertencentes a “terceira onda”, saem literalmente de suas igrejas e buscam espaço em outros campos da sociedade. Neste sentido, é facilmente observável a presença de igrejas ligadas ao pentecostalismo em ramos como a político-partidária, entretenimento; televisão, cinema, música, literatura, etc.

No segundo capítulo, focamos nossa análise na Igreja Universal Do Reino De Deus e as ideias políticas e morais defendidas por suas lideranças e como as mesmas ecoam e são resinificadas entre os seus membros de Tefé. Para isso, fizemos uso de análise bibliográfica e também contamos com a utilização das fontes orais.

Conclui-se assim nossa análise, a Igreja Universal, apesar de sua recente perda de fiéis ainda mantém-se como a principal representante do Neopentecostalismo brasileiro. Suas ideias, seus posicionamentos, acabam, de certo modo, refletindo sobre os seus membros. Nosso estudo demonstrou que isso ocorre, no entanto, não é de forma homogênea. Os fiéis da IURD são seres sociais, logo, embora suas ideias e posicionamentos políticos e morais possam se refletir o posicionamento dessa Igreja, os membros dela fazem distinções que vão além daquelas defendidas pela Universal, ou seja, existe uma interferência no agir político e moral de seus membros, no entanto, tal interferência é recebida de forma variada pelos fiéis. Uns demonstram serem bem próximos das ideias da IURD, outros já mostram distanciamentos, ou seja, não permitem que a religião interfira totalmente em suas vidas políticas e morais.

Podemos observar baseados em referências bibliográficas e nas falas dos membros da IURD, questões pontuais que são características da mesma. Como, por exemplo, certa rejeição, as religiões de matrizes africanas e sua relação com a dita “Guerra Santa”, um posicionamento contrário à união de pessoas do mesmo sexo, etc.

Nossa análise bibliográfica e oral demonstrou também que, embora não exista homogeneidade entre os membros da IURD, os mesmos se aproximam quando a questão é moral. Basta observar o nosso tópico a respeito do casamento entre pessoas do mesmo sexo, vejam que todos são contrários. Mas, quando o tema é inserção política dos seus líderes, os membros se afastam.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 5p.

ARENARI E TORRE. **Intersubjetividade, Socialização Religiosa e Aprendizado Político. Uma interpretação sociológica do Pentecostalismo no Brasil**. In: SOUZA, Jessé, (Org.) *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2006

BAPTISTA, Leonardo. **O Conceito de Cultura Política: Das Origens na Ciência Política Norte-Americana à Historiografia Contemporânea**. In: Anais do V Encontro Internacional UFES/Paris-Est. 2015.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <Ibge.gov.br >. Acessado em 10 out. 2017

BRITTO JUNIOR, A. F, FERES JUNIOR, N.. **A Utilização da técnica da entrevista e trabalhos científicos**. Evidência (Araxá), v. 7, p. 237 – 250. 2011.

BERSTEIN, Serge. **A cultura política**. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Estampa 1998

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Coordenador de Tradução: João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacaís. – Brasília. Editora: Universidade de Brasília, 11° ed. 1998.

CARDOSO, L. S.. **A formação do protestantismo de missão no Brasil: Evangelizar e Educar**. In: 7° Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação, 2003, v. 1.

CARVALHO, Lourenço De Oziel. Fundamentalismo Protestante. IN SOUZA (org.) **Fundamentalismos Religiosos Contemporâneos**. São Paulo, Fonte Editorial, 2013.

CAVALCANTI, H.B. **O Projeto Missionário Protestante no Brasil do Século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista**. Revista de Estudos da Religião – Pós Graduação em Ciências da Religião – PUC – SP, 2011.

COHEN, Claudio. **Breve discurso sobre valores, moral, eticidade e ética**. (Brasília), v. 2, n.1, p. 19-24, 1994.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND (org.) **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Editora FVG, 2° ed. 2003.

DANTAS, Amaral Suruagy Bruna Do. **Religião e Política: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal.** 2011. 350f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DINIZ, Eli. **Ética e Política.** In: Revista de economia contemporânea n° 5. Rio de Janeiro, 1999.

FERRARI, Odêmio Antônio. **Bispo S/A: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder.** São Paulo. Editora Ave-Maria, 2007.

FRESTON, Paul. **Religião e Política, sim; Igreja e Estado, não.** Belo Horizonte, Editora: Ultimado, 2006.

GALLO, V.F. **As Mulheres e os Homens da Igreja Universal do Reino de Deus.** In: Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248., 2014. Londrina., GT12 Gênero e Religiosidade, 2014. p.7.

JOUTARD, Philippe. **Desafios a História Oral do Século XXI.** In: ALBERTI, Verena., FERNANDES, Tania Maria., FERREIRA, Moraes Maneta de. (org.). Rio de Janeiro, Editora Fio Cruz, 2000. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acessado em 10 out. 2017.

KUSCHIN, Karina, CARNEIRO, Leandro Piquet. **As dimensões subjetivas da política: Cultura política e antropologia da política.** In. <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/269.pdf>

LARA, A.M.B.; MOLINA, Adão Aparecido. **Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias.** In: Cèzar de Alencar Arnaut de Toledo; Maria Teresa Claro Gonzaga. (Org.). Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas. Maringá: EEduem, 2011. 01, p. 121-172.

MARIANO, Ricardo. Os Neopentecostais: **A Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.** São Paulo, Loyola, 2005.

MATA, Sergio da. **HISTÓRIA E RELIGIÃO.** Belo Horizonte, Autentica Editora, 2010.

MATOS. Julia Silveira e SENNA. Adriana Kivanski De. **História Oral Como Fontes: Problemas e Métodos. História.** Rio Grande, 2 (1): 95-108,2011. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acessado em 10 out. 2017.

MENDONÇA, Gouvêa Antônio. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** São Paulo, Edições Loyola, 1990.

MONTALVÃO, Sérgio. **Cultura Política: História e possibilidades de um conceito.** In: II Seminário Nacional de História da Historiografia, 2008, Mariana. Anais do II Seminário Nacional de História da Historiografia: A dinâmica do Historicismo, tradições historiográficas modernas, 2008.

MONTES, Lúcia Maria. **As Figuras do Sagrado: Entre o Público e o Privado na Religiosidade brasileira**. São Paulo, Claro Enigma, 2012.

PORTELLI, Alexandro. **História Oral como Arte da Escuta**. São Paulo, Letra e Voz, 2016.

ORO, Pedro Ari. **A Política da Igreja Universal e Seus Reflexos nos Campos Políticos Brasileiros**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 18 N° 53. 2003

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renam William. **Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no congresso nacional e na bancada evangélica**. Tempo Social v. 29, p. 187-213, 2017.

RABAT, Márcio Nunes. **A Atuação Política Católica e Evangélica e o Congresso Nacional**. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2010.

ROCHA, Daniel.; PASSOS, Mauro. **Pós-pentecostalismo no Brasil? Uma leitura Conceitual**. Teoria & Sociedade (UFMG), V.21, p. 210-238, 2013.

RODRIGUES, Gonçalves Jadir. **Carisma e Poder: Categorias Elementares da Retorica da Igreja Universal do Reino de Deus**. 2011. 236f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. **Pós-pentecostalismo e política no Brasil**. Estudos Teológicos, São Leopoldo, RS, v. 37, p. 47 – 61 1997.

VIANNA, P.H.S. **Contribuições para o estudo do protestantismo de missão**. In: III Encontro de Pesquisas históricas PPGH – PUCRS. A interdisciplinaridade no fazer historiográfico, 2016, Porto Alegre, RS. Anais do III Encontro de Pesquisas Históricas – PPGH/PUCRS. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2016. P. 523-535.

de sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FONTES:

Entrevista com membro da IURD “A”

Entrevista com o membro da IURD “B”

Entrevista com o membro da IURD “C”

Entrevista com o membro da IURD “D”

Entrevista com o membro da IURD “E”

APÊNDICE:

Roteiro de Entrevistas

1. Qual seu nome?
2. Quando tempo frequenta esta Igreja?
3. O que você acha das drogas?
4. Como você observa o casamento entre gays?
5. Você costuma votar em candidatos apresentados em sua Igreja? Se sim, por quê?
6. O que pensa sobre os pastores que assumem cargos políticos?
7. Como você observa a pena de morte?
8. Como você observa outras religiões?
9. Você é favorável a movimentos sociais? Como por exemplo, feministas.
10. Já deixou de fazer algo devido sua religião?

Pessoas entrevistadas:

R. 40 anos, feminina universitária.

K. 24 anos, masculino, desempregado.

O. 31 anos, masculino, obreiro.

W. 55 anos, masculino, comerciante.

P. 31 anos, feminina, autônoma, trabalha com artesanato.